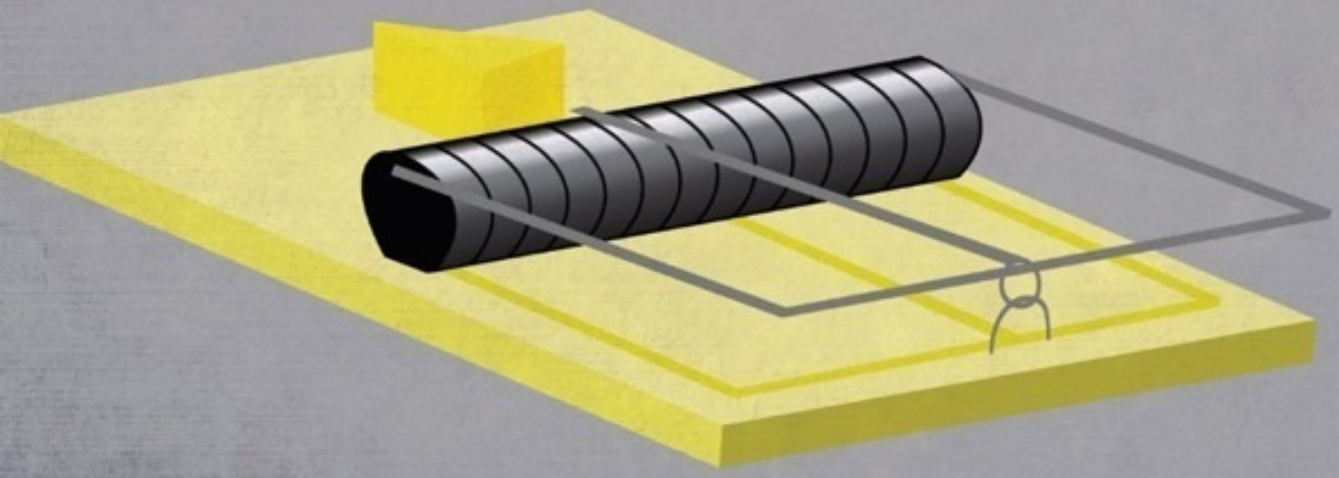
Agatha Christie

A RATOEIRA



Somente a grande Rainha do Crime para desenvolver uma trama eletrizante, assustadora e brilhante. Esta peça foi inspirada no conto ”Os Três Ratos Cegos”. A peça é um sucesso até hoje na Inglaterra tendo sido assistida por milhões de fãs do mundo todo.
Um assassino pérfido, que se diverte e delicia-se com o pavor que inspira nos outros seres humanos. Este louco elabora crúeis brincadeiras aos hóspedes de uma pensão que está isolada por uma terrível nevasca. A sensação dos reféns é a mesma da caçada do gato e o rato.

NOTA DA TRADUTORA

Como em todos os textos teatrais ingleses, as referências à Direita e Esquerda são todas do ponto de vista do ator, não da platéia.

Para quaisquer indicações de movimento ou posição foram usados os termos comuns de teatro:

D = Direita
E = Esquerda
C = Centro
B = Baixo (frente do palco)
A = Alto (fundo do palco)
Acima = mais para o fundo do palco
Abaixo = mais para a frente do palco
Cruzar = andar na direção de

RESUMO DA AÇÃO

ATO UM

Cena I: O grande *hall* de Monkswell Manor. Fim de tarde.

Cena II: O mesmo. No dia seguinte, depois do almoço.

ATO DOIS

O mesmo. Dez minutos mais tarde.

Época: a da composição da peça.

ATO UM

Cena I

CENÁRIO: *A grande sala de estar em Monkswell Manor. Fim de tarde. A casa parece menos uma peça de museu do que um lar que abriga há gerações uma mesma família, de recursos cada vez mais reduzidos. Há uma ampla janela alta ao fundo ao* C; *um grande arco* à DA *leva ao* hall *de entrada, à porta principal e à cozinha, enquanto um arco à* E *leva à escada e aos quartos, em cima. À* EA, *saindo do patamar da escada, está a porta da biblioteca; à* EB, *a porta para o salão de visitas, e à* DB *a porta (que abre para dentro do palco) da sala de jantar. Á* D *há uma grande lareira e, ao fundo, um banco de parede, sob a janela, e um radiador.*

A sala está mobiliada como uma sala de estar informal. Há algumas boas peças de carvalho, inclusive uma grande mesa de refeitório perto da janela ao fundo, uma arca de carvalho no hall *de entrada à* DA *e um banquinho junto à escada à* E. *As cortinas e a mobília estofada (um sofá à* EC, *uma poltrona de couro à* D *e uma pequena poltrona vitoriana à* DB) *são surradas e antiquadas. À* E *há uma combinação de escrivaninha e estante, com um rádio e um telefone em cima e uma cadeira perto. Há uma outra cadeira à* DCA, *perto da janela, uma espécie de cesta com jornais e revistas acima da lareira e uma pequena mesa de jogo, semicircular, atrás do sofá. Há duas arandelas na parede acima da lareira, que funcionam*

juntas; uma arandela na parede à E, *uma à* E *da porta da biblioteca e uma no* hall *de entrada, que também funcionam juntas. Há comutadores duplos à* E *do arco à* DA, *no lado baixo da porta à* EB *e um comutador único do lado alto da porta à* DB. *Uma luminária fica sobre a mesa do sofá.*

Antes de abrir o pano apagam-se as luzes da sala até o black-out *completo, durante o qual ouve-se a música de* Três Ratos Cegos.

Quando o pano se abre o palco está completamente às escuras. A música vai sumindo e sendo substituída por um assovio agudo da mesma canção. Ouve-se um agudo grito de mulher, seguido de uma mistura de vozes masculinas e femininas, que dizem "Meu Deus, o que foi?", "Foi por lá" , "Oh, Meu Deus!". Depois ouve-se um apito de polícia, seguido por vários outros apitos de polícia, até que tudo fica em silêncio.

VOZ NO RÁDIO: ...e, segundo a Scotland Yard, o crime teve lugar no número 24 da Rua Culver, em Paddington. *(As luzes se acendem, mostrando a grande sala de Monkswell Manor. É um fim de tarde, quase escuro. Vê-se neve caindo pesadamente, pela janela ao fundo. Um bom fogo queima na lareira. Um letreiro recém-pintado está encostado ao arco à* E; *nele está escrito, em letras grandes:* "PENSÃO MONKWELL MANOR".) A mulher assassinada era uma Sra. Maureen Lyon. Em conexão com o assassinato, a polícia está ansiosa por entrevistar um homem, visto nas vizinhanças, que usava sobretudo escuro, cachecol claro e um chapéu de feltro, mole. (MOLLIE RALSTON *entra pelo arco à* DA. *E alta, jovem, com ar franco, tem vinte e poucos anos. Pousa a bolsa e as luvas na poltrona ao* C, *depois vai até o rádio e o desliga no final da fala que se segue. Coloca um pequeno embrulho na estante da*

escrivaninha, que tem portas.) Os motoristas devem tomar cuidado com estradas bloqueadas pela neve. A pesada nevasca deve continuar e por todo o país haverá formação de gelo, particularmente no norte e nordeste da Escócia.

MOLLIE: *(Chamando.)* Sra. Barlow! Sra. Barlow! *(Não recebendo resposta ela vai até a cadeira de braços ao* C, *pega a bolsa e uma das luvas e depois cruza o arco à* DA, *retira seu casacão e volta.)* Brr! Que frio! *(Vai ao comutador acima da porta à* DB *e acende as arandelas da lareira. Vai até a janela, sente o calor do radiador e fecha as cortinas. Depois desce até a mesinha do sofá e acende a lâmpada que está em cima. Olha em volta e vê o letreiro na escada. Pega-o e coloca-o contra a parede* E *da reentrância que forma o banco da janela. Dá um passo atrás e acena com a cabeça.)* Está bonito, mesmo — oh! *(Nota a falta do 'S' no letreiro.)* Que estupidez de Giles. *(Olha o relógio de pulso, depois o de parede.)* Puxa!

(MOLLIE *corre pela escada acima e* GILES *entra pela porta principal à* D. *É um rapaz um tanto arrogante, porém atraente, de vinte e tantos anos. Bate os pés para livrar-se da neve, abre a arca de carvalho e coloca dentro uma grande sacola que carregava. Tira o sobretudo, o chapéu e o cachecol, desce e atira-os sobre a poltrona ao* C. *Depois vai esquentar as mãos no fogo.)*

GILES: Mollie? Mollie? Mollie? Onde é que você está? *(Ela entra à* E.*)*

MOLLIE: *(Alegre.)* Tendo de fazer todo o trabalho, seu bruto.

GILES: Ah, está aí — deixe tudo comigo. Quer que carregue a caldeira?

MOLLIE: Já está feito.

GILES: *(Beijando-a.)* Olá, meu bem. Seu nariz está frio.

MOLLIE: Eu acabei de entrar.

GILES: Por quê? Onde é que você foi? Saiu com este tempo?

MOLLIE: Tive de ir à aldeia ver umas coisas que tinha esquecido. Você comprou a tela do galinheiro?

GILES: Não tinham o tipo certo. Fui procurar numa outra espelunca, mas também não adiantou. Desperdicei o dia. Meu Deus, estou gelado. O carro estava derrapando para todo lado. A neve está caindo sem parar. Quer apostar como estaremos bloqueados pela neve amanhã?

MOLLIE: Ai, espero que não. *(Vai sentir o radiador.)* Só espero que o encanamento não congele.

GILES: Teremos de manter a calefação central muito bem estocada. *(Sente o radiador.)* Hum, não está lá grande coisa — não sei por que não mandaram aquele carvão. Não resta muito.

MOLLIE: Ora! Eu queria tanto que tudo saísse bem, no início. A primeira impressão é tão importante.

GILES: Está tudo pronto? Mas ninguém chegou ainda, chegou?

MOLLIE: Não, graças aos céus. Acho que está tudo em ordem. A Sra. Barlow saiu cedo. Na certa ficou com medo da neve.

GILES: Essas diaristas são de matar. Largou tudo em suas mãos!

MOLLIE: Nas suas *também!* Lembre-se de que somos sócios!

GILES: Desde que não me peça para cozinhar.

MOLLIE: Não; esse é o meu departamento. Mas, de qualquer modo, temos pilhas de coisas em lata, se ficarmos presos pela neve. Oh, Giles, você acha que vai dar tudo certo?

GILES: O que é isso? Pé-frio? Vai começar a lamentar não ter vendido o casarão que sua tia deixou para você, ao invés de

ter esta idéia louca de abrir uma pensão?

MOLLIE: Não vou, não. Adoro isto aqui. E, por falar em pensão, dê uma olhada naquilo. *(Indica o cartaz em tom de acusação.)*

GILES: Ficou ótimo, não é?

MOLLIE: Um desastre! Não percebeu? Esqueceu do 'S'. Ficou Monkwell, em lugar de Monkswell.

GILES: Ai, não é que esqueci mesmo? Como será que fiz isso? Mas não faz muita diferença, faz? Monkwell também é um nome ótimo.

MOLLIE: Você caiu em desgraça. Vá cuidar da calefação.

GILES: Do outro lado desse pátio gelado! Brr! Já deixo pronta para a noite inteira?

MOLLIE: Não. Isso, só às dez ou onze da noite.

GILES: Mas que terror!

MOLLIE: Ande logo. Daqui a pouco eles começam a chegar.

GILES: Você já fez a distribuição dos quartos?

MOLLIE: Já. Sra. Boyle, Quarto da Cama com Dossel; Major Metcalf, Quarto Azul; Srta. Casewell, Quarto Leste; Sr. Wren, Quarto de Carvalho.

GILES: Eu fico imaginando como é toda essa gente. Será que nós não devíamos ter pedido o aluguel adiantado?

MOLLIE: Ah, eu acho que não.

GILES: Nós não entendemos nada do assunto.

MOLLIE: Eles trazem bagagem e, se não pagarem, nós ficamos com ela. É isso.

GILES: Pois eu ainda acho que devíamos ter feito ao menos um curso por correspondência a respeito de como é que se administra um hotel. Garanto que em alguma coisa vamos fazer papel de bobos. Pode ser que eles só tenham tijolos embrulhados em jornais na bagagem. E aí, onde é que nós

ficamos?

MOLLIE: Todos escreveram de endereços muito bons.

GILES: Que é exatamente o que fazem todos os empregados com cartas de referência falsas. Algumas dessas pessoas podem estar fugindo da polícia.

MOLLIE: E a mim pouco importa o que eles sejam, desde que nos paguem sete guinéus toda semana.

GILES: Você é tão maravilhosa como mulher de negócios, Mollie.

(GILES *sai pelo arco à* DA, *carregando o letreiro.* MOLLIE *liga o rádio.)*

VOZ NO RÁDIO: É, segundo a Scotland Yard, o crime teve lugar no número 24 da Rua Culver, em Paddington. A mulher assassinada era uma Sra. Maureen Lyon. Em conexão com o assassinato, a polícia está ansiosa por entrevistar um homem, visto nas vizinhanças, que usava sobretudo escuro — (MOLLIE *pega o sobretudo de* GILES*)* — um cachecol claro — (MOLLIE *pega o cachecol)* — e um chapéu de feltro, mole. *(Ela pega o chapéu e sai pelo arco à* DA.) Os motoristas devem tomar cuidado com estradas bloqueadas pela neve. *(A campainha toca.)* A pesada nevasca deve continuar, e por todo o país... (MOLLIE *entra, desliga o rádio e corre para sair pelo arco à* DA.)

MOLLIE: *(Fora.)* Como está?

CHRISTOPHER: *(Fora.)* Muito obrigado. (CHRISTOPHER WREN *entra pelo arco à* DA, *com uma valise que pousa sobre a mesa do refeitório. E um rapaz neurótico de aspecto um tanto desvairado. Seu cabelo é comprido e despenteado e usa uma gravata tecida a mão muito artística. Seus modos são*

confiantes, quase infantis. MOLLIE *entra e vai para o* CA.) O tempo está horrível. O táxi não foi além do portão. Não teve coragem de entrar no caminho até aqui. Nada aventureiro. A senhora é a Sra. Ralston? Que ótimo! Meu nome é Wren.

MOLLIE: Como está passando, Sr. Wren?

CHRISTOPHER: Sabe, a senhora não é como eu tinha imaginado. Eu estava pensando que fosse gênero viúva de general que serviu na Índia. Que ia ser muito austera, a típica 'mensahib', e que eu ia encontrar tudo completamente coberto de bichos e bandejas de bronze indiano. Mas, não, é maravilhoso — realmente maravilhoso. As proporções são fantásticas. *(Apontando a escrivaninha.)* Essa é falsa! *(Apontando a mesa do sofá.)* Ah! mas esta é autêntica. Eu vou adorar isto aqui. A senhora tem flores de cera ou uma ave do paraíso?

MOLLIE: Acho que não.

CHRISTOPHER: Que pena! Bem, mas será que não tem um aparador? Um rotundo aparador de mogno arroxeado com imensas frutas esculpidas?

MOLLIE: Ah, isso temos — na sala de jantar. *(Olha para a porta à* DB.*)*

CHRISTOPHER: Ali? Eu tenho de ver!

(CHRISTOPHER *sai para a sala de jantar e* MOLLIE *segue-o.* GILES *entra pelo arco à* DA, *olha em volta e examina a valise. Ouvindo as vozes na sala de jantar, sai pela* DA.)

MOLLIE: *(Fora.)* Venha esquentar-se. *(Entra, da* DB, *seguida por* WREN.)

CHRISTOPHER: *(Entrando.)* Absolutamente perfeito. E a respeitabilidade mais sólida do país. Mas por que tirar a mesa

grande de mogno? As mesinhas pequenas estragam o efeito geral.

(GILES *entra à* DA.)

MOLLIE: Achamos que os hóspedes iam preferir assim — esse é o meu marido.

CHRISTOPHER: Como está? Que tempo horrível, não é? Lembra Dickens e Scrooge e aquele insuportável Tiny Tim. Tudo falso. Mas é claro, Sra. Ralston, que a senhora tem razão quanto às mesinhas. Eu me deixei levar por minha paixão pela época. Para se ter uma mesa de jantar de mogno, é preciso ter a família certa em volta dela. O pai, belo e austero, de barbas, a mãe prolífera e apagada, onze filhos de idades variadas, uma governante insuportável e alguém que é chamada de "pobre Harriet", a prima pobre que serve de pau para toda obra, e é muito, muito grata pela bondade com que lhe é oferecido um teto sólido!

GILES: *(Que não gostou dele.)* Eu vou levar sua mala lá para cima. *(Pega a valise. Para* MOLLIE.) Você disse o Quarto de Carvalho?

MOLLIE: É.

CHRISTOPHER: Espero que tenha uma cama com dossel e colcha de chita com rosinhas.

GILES: Não, não tem. *(Sobe a escada.)*

CHRISTOPHER: Tenho a impressão de que o seu marido não vai gostar de mim. Há quanto tempo estão casados? Estão muito apaixonados?

MOLLIE: Faz exatamente um ano que nós estamos casados. *(Indo para a escada.)* O senhor não quer ver o seu quarto?

CHRISTOPHER: Pronto. Já levei bronca. Mas eu gosto muito de saber a respeito das pessoas. Quero dizer, gente é uma coisa tão fascinante, não acha?

MOLLIE: Bem, creio que há gente que sim e *(virando-se para* WREN) há gente que não.

CHRISTOPHER: Não concordo. Todos são interessantes, porque ninguém jamais sabe, realmente, como outra pessoa é — ou no que ela realmente está pensando. Por exemplo, a senhora não sabe o que é que eu estou pensando neste exato momento, sabe?

MOLLIE: Não tenho a menor idéia. *(Vai tirar um cigarro da caixa na mesa do sofá.)* Quer um cigarro?

CHRISTOPHER: Não, obrigado. Viu? As únicas pessoas que realmente sabem como são os outros são os artistas, e eles não sabem por que é que sabem! Mas quando são retratistas, o que eles sabem aparece — na tela.

MOLLIE: O senhor é pintor? *(Acende um cigarro.)*

CHRISTOPHER: Não; sou arquiteto. Meus pais me batizaram Christopher na esperança de que eu desse para a arquitetura. Christopher Wren! *(Ri.)* E meia carreira já feita. É claro que, na realidade, todo mundo faz piada e ri e pergunta pela Catedral de St. Paul's. No entanto — quem sabe — ainda é possível que eu venha a rir por último. (GILES *desce a escada e cruza para o arco à* DA.) Pode ser que os Ninhos Pré-fabricados de Chris Wren ainda façam história! *(Para* GILES.) Vou gostar daqui. Sua mulher é muito compreensiva.

GILES: *(Gélido.)* É mesmo.

CHRISTOPHER: *(Para* MOLLIE.) E realmente muito bonita.

MOLLIE: Ora, não seja absurdo.

CHRISTOPHER: Olhe só, não é mesmo inglesa? Não há elogio que

não as deixe embaraçadas. As européias aceitam os elogios como questão de rotina, mas os maridos destroem todo o charme feminino das inglesas. *(Para* GILES.) Há qualquer coisa de feroz e antipática nos maridos ingleses.

MOLLIE: *(Precipitada.)* Venha ver seu quarto.

CHRISTOPHER: Claro que vou.

MOLLIE: *(Para* GILES.*)* Quer ir cuidar da caldeira?

(MOLLIE *e* CHRISTOPHER *saem pela escada.* GILES *demonstra irritação. A campainha toca. Pausa. Torna a tocar várias vezes, impacientemente.* GILES *corre para a porta da frente. Ouve-se o som do vento e da neve por uns instantes.)*

SRA. BOYLE: *(Fora.)* É aqui a Monkswell Manor?

GELES: *(Fora.)* É...

(A SRA. BOYLE *entra pelo arco à* DA, *carregando sua valise, algumas revistas e as luvas. E uma mulher grande, de aspecto imponente. Demonstra mau humor.)*

SRA. BOYLE: Eu sou a Sra. Boyle. *(Pousa a valise.)*

GILES: Eu sou Giles Ralston. Aproxime-se do fogo, Sra. Boyle, para esquentar-se. Está um tempo horrível, não é? A senhora não tem mais bagagem?

SRA. BOYLE: Um tal de Major — Metcalf, não é? — está providenciando.

GILES: Vou abrir a porta para ele. *(Vai até aporta.)*

SRA. BOYLE: O táxi não quis se arriscar pelo caminho da casa. (GILES *volta para ficar com a* SRA. BOYLE.) Parou no portão. Tivemos de dividir um táxi, desde a estação — e mesmo esse

foi muito difícil de conseguir. *(Acusadora.)* Não houve ordens para que ninguém fosse nos receber, ao que parece.

GILES: Desculpe. Não sabíamos em que trem viria, pois de outro modo teríamos providenciado para que houvesse alguém — aguardando.

SRA. BOYLE: Todos os trens deveriam ser esperados.

GILES: Permita-me tomar seu casaco. Minha mulher vem já. Eu vou ajudar o Major Metcalf com as malas. *(Sai pelo arco à* DA.)

SRA. BOYLE: Pelo menos poderiam ter tirado a neve do caminho. *(Depois que ele sai.)* Tudo muito desleixado, deixado ao acaso, pelo visto. *(Olha em volta, com óbvia desaprovação.* MOLLIE *desce correndo e entra um pouco ofegante.)*

MOLLIE: Desculpe!

SRA. BOYLE: Sra. Ralston?

MOLLIE: Sou. Eu... *(Vai até a* SRA. BOYLE *e estende a mão, que depois torna a recolher, sem saber como é que se trata os hóspedes. A* SRA. BOYLE *observa-a com desagrado.)*

SRA. BOYLE: A senhora é muito jovem.

MOLLIE: Jovem?

SRA. BOYLE: Para dirigir um estabelecimento deste tipo. Não pode ter tido muita experiência.

MOLLIE: *(Recuando.)* Bem, todos têm de começar em algum lugar, não é?

SRA. BOYLE: Percebi. Totalmente inexperiente. *(Olha em volta.)* A casa é velha. Espero que não esteja tudo mofado.

MOLLIE: Mas é claro que não!

SRA. BOYLE: Há muita gente que só percebe que o mofo apareceu quando é tarde demais para fazer o que quer que seja.

MOLLIE: A casa está em perfeitas condições.

SRA. BOYLE: Hum — uma boa mão de tinta vinha a calhar. Sabe,

este carvalho está bichado.

GILES: *(Fora.)* Por aqui, Major. (GILES *e o* MAJOR METCALF *entram à* DA. *O major é um homem de meia-idade, ombros quadrados, deporte e comportamento muito militares. Pousa a mala que carrega e vai até perto da poltrona ao* C, *onde* MOLLIE *encontra-o.)* Esta é minha mulher, Major.

MAJOR METCALF: Como está? É uma tempestade de neve. A certo momento, pensei que não conseguiríamos chegar. *(Vê a* SRA. BOYLE.*)* Oh, desculpe-me. *(Tira o chapéu e a* SRA. BOYLE *sai à* DB.) Se continuar assim, teremos cinco ou seis pés de neve pela manhã. É a pior que vejo, desde 1940.

GILES: Vou levar isto para cima. *(Pega as malas. A* MOLLIE.) Quais foram os quartos que você disse? O Azul e o Rosa.

MOLLIE: Não — eu botei o Sr. Wren no das Rosas. Ele ficou tão encantado com a cama de dossel. De modo que fica a Sra. Boyle no de Carvalho e o Major Metcalf no Azul.

GILES: *(Com autoridade.)* Major!

MAJOR: *(Instintivamente militar.)* Senhor?! *(Ambos saem pela escada.)*

SRA. BOYLE: *(Entrando à* DB.) Tem problemas com empregados, por aqui?

MOLLIE: Temos uma senhora ótima que mora na aldeia.

SRA. BOYLE: E quanto à criadagem residente?

MOLLIE: Não existe. Só nós dois.

SRA. BOYLE: Não diga! Fui levada a crer que se tratava de uma pensão em pleno funcionamento.

MOLLIE: Estamos começando agora.

SRA. BOYLE: Eu diria que uma criadagem adequada é essencial antes de se abrir um estabelecimento deste tipo. Considero o seu anúncio muito enganoso. Posso perguntar se sou a única

hóspede — além do Major Metcalf, quero dizer?

MOLLIE: Oh, não; há vários outros.

SRA. BOYLE: E, além do mais, este tempo. Uma tempestade de neve — era só o que faltava — tudo muito desagradável.

MOLLIE: Mas ninguém podia prever que o tempo estivesse assim!

(WREN *entra em silêncio, da escada, e aproxima-se por trás de* MOLLIE.)

CHRISTOPHER: *(Cantando.)* "Se o Vento Norte soprar
E a neve se amontoar
O que fará o passarinho?"
Eu adoro esses versinhos para crianças; a senhora não? São sempre tão trágicos, tão macabros. É por isso que as crianças gostam.

MOLLIE: Deixe-me apresentá-lo. Sr. Wren — a Sra. Boyle. *(Ele se inclina.)*

SRA. BOYLE: *(Gélida.)* Como está?

CHRISTOPHER: É uma casa linda, não acha?

SRA. BOYLE: Já atingi aquele ponto na vida no qual os confortos de uma casa são mais importantes do que sua aparência. (GILES *entra da escada.)* Se não pensasse que se tratava de uma organização satisfatória jamais teria vindo para cá. Fui informada de que estaria *totalmente* equipada com todos os confortos de um lar.

GILES: A senhora não tem a menor obrigação de ficar, se não estiver satisfeita, Sra. Boyle.

SRA. BOYLE: Não, é claro; e nem eu pensaria em fazê-lo, no caso.

GILES: Se houve qualquer mal-entendido, talvez fosse melhor a senhora ir para outro lugar. Eu posso pedir ao táxi que volte.

As estradas ainda não estão fechadas. Temos tantos candidatos para os quartos que poderemos preencher seu lugar com a maior facilidade. E, de qualquer modo, vamos subir os preços, a partir do próximo mês.

SRA. BOYLE: Eu certamente não partirei antes de verificar que tal é a pensão. Não pense que pode me mandar embora. A senhora poderia me levar até meu quarto, Sra. Ralston? *(Cruza, majestosamente, para a escada.)*

MOLLIE: Naturalmente, Sra. Boyle. *(Segue a* SRA. BOYLE. *Ao passar por* GILES, *baixando a voz.)* Meu amor, você é maravilhoso... *(As duas saem pela escada.)*

CHRISTOPHER: *(Infantil.)* Eu acho aquela mulher horrível. Não gosto dela. Ia ser maravilhoso vê-lo empurrá-la para a neve, aí fora. Bem-feito para ela.

GILES: E um prazer que, temo, não terei. *(Campainha.)* Meu Deus, lá vem mais um. *(Vai até a porta de entrada. Fora.)* Entre — entre.

(WREN *vai sentar-se no sofá. Entra à* DA *a* SRTA. CASEWELL, *uma jovem masculinizada, carregando uma mala. Usa casacão comprido escuro, cachecol claro, mas está sem chapéu.* GILES *entra.)*

SRTA. CASEWELL: *(Voz grave, masculina.)* Por azar, meu carro enguiçou uma meia milha antes de chegar — esbarrei em um banco de neve.

GILES: Dê-me isso, por favor. *(Pega a mala e pousa-a sobre a mesa do refeitório.)* Há mais bagagem no carro?

SRTA. CASEWELL: Não. Não trouxe muita coisa. Ah, que ótimo ver que vocês têm um bom fogo. *(Pára, em frente ao fogo, com*

pernas afastadas, como um homem.)

GILES: Bem, hum, o Sr. Wren — a Srta.?...

SRTA. CASEWELL: Casewell. *(Cumprimenta* WREN *com a cabeça.)*

GILES: Minha mulher desce em um instante.

SRTA. CASEWELL: Não há pressa. Eu preciso degelar. Parece que vamos ficar ilhados pela neve, por aqui. *(Pega um jornal vespertino do bolso do casaco.)* A previsão do tempo diz que se espera muita neve. Avisos aos motoristas etc. Espero que suas provisões sejam fartas.

GILES: São. Minha mulher é muito previdente. E, além do mais, sempre podemos comer nossas galinhas.

SRTA. CASEWELL: Antes de nos comermos uns aos outros, não é?

CHRISTOPHER: Alguma notícia no jornal? Além do tempo, quero dizer.

SRTA. CASEWELL: A crise política de sempre. E, ah!, um assassinato sensacional!

CHRISTOPHER: Assassinato? — Eu gosto muito de assassinatos.

SRTA. CASEWELL: *(Entregando-lhe o jornal.)* Parece que pensam tratar-se de um maníaco homicida. Estrangulou uma mulher em algum lugar perto de Paddington. Deve ser um tarado sexual.

CHRISTOPHER: Não diz muita coisa, diz? *(Lê.)* "A polícia está ansiosa por entrevistar um homem visto nas redondezas da Rua Culver, na hora. Altura mediana, usando sobretudo meio escuro, cachecol meio claro e chapéu de feltro, mole. Mensagens policiais com essa descrição vêm sendo irradiadas o dia todo."

SRTA. CASEWELL: Uma descrição muito útil. Serve praticamente para qualquer pessoa, não é?

CHRISTOPHER: Quando eles dizem que a polícia está ansiosa

para entrevistar alguém, não é uma forma elegante de dizer que acham que ele é o assassino?

SRTA. CASEWELL: É possível.

GILES: Quem era a mulher assassinada?

CHRISTOPHER: Sra. Lyon. Sra. Maureen Lyon.

GILES: Velha ou moça?

CHRISTOPHER: Não diz. Parece que não foi roubo...

SRTA. CASEWELL: *(Para* GILES.*)* Eu disse — tarado sexual.

(MOLLIE *entra, da escada.)*

GILES: Aqui está a Srta. Casewell, Mollie. Esta é a minha mulher.

SRTA. CASEWELL: *(Levantando-se.)* Como está? *(Aperta vigorosamente a mão de* MOLLIE. GILES *pega a mala sobre a mesa.)*

MOLLIE: Está uma noite horrível. Quer subir para o seu quarto? A água está quente, se quiser um banho.

SRTA. CASEWELL: Que ótimo, quero sim.

(As duas saem pela escada e GILES *as segue, com a mala. Sozinho,* WREN *começa a explorar. Abre aporta à* EB, *espia, depois sai por ela. Um momento depois aparece na escada, à* E. *Cruza para o arco à* DA *e olha para fora. Cantarola uma música infantil e ri sozinho, dando a impressão de ligeira perturbação mental. Vai até atrás da mesa do refeitório.* GILES *e* MOLLIE *descem a escada.* WREN *se esconde atrás da cortina.)*

MOLLIE: Bem, tenho de correr para a cozinha para continuar o serviço. O Major Metcalf é muito simpático. Não vai ser difícil. Quem me assusta é a Sra. Boyle. *Precisamos* ter um jantar

gostoso. Pensei em abrir duas latas de carne moída com cereal, uma de ervilhas, e preparar um pouco de purê de batatas. E temos figos em calda e pudim de leite. Você acha que basta?

GILES: Acho que sim... embora não seja muito original.

CHRISTOPHER: *(Saindo de trás da cortina.)* Quer me deixar ajudar? Eu adoro cozinhar. Por que não fazer uma omelete? Vocês têm ovos, não têm?

MOLLIE: Claro, temos pilhas de ovos. Um galinheiro enorme. Não são tão boas poedeiras, mas juntamos um bocado de ovos.

CHRISTOPHER: E se tiverem uma garrafa de vinho barato — qualquer um serve — podemos juntá-lo à lata de carne, não foi isso que disse? Dá um gostinho de cozinha francesa. É só me mostrar onde fica a cozinha e o que vocês... Aposto que eu tenho uma inspiração qualquer.

MOLLIE: Vamos lá. (MOLLIE *e* WREN *saem pelo arco à* D *para a cozinha.* GILES *franze o cenho, solta uma exclamação pouco elogiosa a respeito de* WREN, *vai pegar o jornal e fica lendo com a maior atenção. Salta quando* MOLLIE, *voltando, fala.)* Ele não é um amor? Já botou um avental e está se organizando. Disse para deixar tudo com ele e não aparecer lá durante meia hora. Se nossos hóspedes resolverem se encarregar da cozinha, o trabalho vai diminuir muito.

GILES: E por que, diabos, foi dar o melhor quarto para ele?

MOLLIE: Eu já disse. Ele enlouqueceu com a cama de dossel.

GILES: Ele enlouqueceu com a cama de dossel! Bicha!

MOLLIE: Giles!

GILES: Eu não aturo esse tipo de gente. Não foi você quem carregou a mala dele. Fui eu.

MOLLIE: E estava cheia de tijolos?

GILES: Não pesava nada. Eu acho que não tem nada dentro. Ele deve ser um desses tipos que caloteiam um hotel depois do outro.

MOLLIE: Duvido. Eu gosto dele. *(Pausa.)* A Srta. Casewell é meio esquisita, não é?

GILES: É assustadora. Isto é, se é que é mulher.

MOLLIE: Não parece justo que todos os nossos hóspedes sejam desagradáveis ou esquisitos. Bem, pelo menos acho que o Major Metcalf é certinho. E você?

GILES: Vai ver que ele bebe!

MOLLIE: Você acha que sim?

GILES: Não. Estava só deprimido. Bem, pelo menos já sabemos do pior. Já chegaram todos. *(A campainha toca.)*

MOLLIE: Ora essa, quem poderá ser, agora?

GILES: Provavelmente o assassino da Rua Culver.

MOLLIE: Não brinque assim! (GILES *sai para aporta da frente.)*

GILES: *(Fora.)* Oh!

(O SR. PARAVICINI *cambaleia entrando da* DA, *carregando uma maleta. É estrangeiro, moreno e já de certa idade, com bigodes um tanto espetaculares. Uma edição um pouco mais alta de Hercule Poirot, que poderá dar uma impressão errada à platéia. Usa um pesado sobretudo forrado de pele. Encosta-se no lado* E *do arco e pousa sua maleta no chão.* GILES *entra.)*

PARAVICINI: Mil perdões. Eu estou... onde é que eu estou?

GILES: Esta é a Pensão Monkswell Manor.

PARAVICINI: Mas isso é uma sorte incrível! Madame! *(Vai até* MOLLIE *e beija-lhe a mão.)* Minhas preces foram ouvidas. Uma pensão — e uma senhoria encantadora. Meu Rolls-

Royce, infelizmente, está afundado na neve. A neve, por todo lado, é uma cegueira branca. Não sei onde estou. Pensei comigo mesmo: vou morrer congelado. Então, tomo uma pequena maleta e me arrasto pela neve, quando vejo de repente, à minha frente, um portão de ferro. Alguém mora aqui! Estou salvo! Duas vezes caio na neve no caminho da entrada, mas finalmente chego e imediatamente — *(olha em volta)* o desespero transforma-se em alegria. Podem alugar-me um quarto, não?

GILES: Mas claro...

MOLLIE: Infelizmente, só temos um pequeno...

PARAVICINI: Naturalmente... naturalmente. Têm outros hóspedes.

MOLLIE: Nós só abrimos a pensão hoje, de modo que somos — bem, um pouco novos no assunto.

PARAVICINI: *(Com olhar de conquistador para* MOLLIE.*)* Encantador, encantador...

GILES: E sua bagagem?

PARAVICINI: Não se preocupem. Tranquei muito bem o carro.

GILES: Mas não seria melhor trazê-la para dentro?

PARAVICINI: Não, não. Garanto-lhe que, numa noite como esta, não haverá ladrões à solta. E, quanto a mim, minhas necessidades são muito frugais. Tenho tudo o que preciso — aqui — nesta maleta. Tudo o que preciso.

MOLLIE: É melhor o senhor se esquentar. Vou arrumar o seu quarto. Temo que seja um pouco frio, já que é virado para o norte. Mas todos os outros estão ocupados.

PARAVICINI: Quer dizer, então, que têm vários hóspedes?

MOLLIE: Temos a Sra. Boyle, o Major Metcalf, a Srta. Casewell e um rapaz chamado Christopher Wren — e, agora — o senhor.

PARAVICINI: Sim — o hóspede inesperado. O que não convidaram.

Aquele que simplesmente apareceu — vindo da tempestade. Parece muito dramático, não acham? Quem sou eu? Os senhores não sabem. De onde venho? Os senhores não sabem. Eu serei o homem misterioso! Mas deixem que lhes diga. Eu completo o quadro. De agora em diante não haverá mais chegadas. Nem partidas. Amanhã de manhã — talvez mesmo até neste momento — ficaremos isolados da civilização. Nem açougueiro, nem padeiro, nem leiteiro, nem carteiro, nem jornais — ninguém e nada, a não ser nós mesmos. É admirável — admirável. Nada poderia ser melhor para mim. Meu nome, por falar nisso, é Paravicini. O Sr. e a Sra. Ralston? E esta — esta — disseram, é a Pensão Monkswell Manor? Ótimo. Pensão Monkswell Manor. *(Ri.)* Perfeito.

(MOLLIE *olha para* GILES *e os dois olham constrangidos para* PARAVICINI *enquanto...)*

(CAI O PANO)

Cena II

CENÁRIO: *O mesmo. Na tarde seguinte.*

Quando o pano se abre não está nevando, mas pode-se ver a neve empilhada até a altura da janela. O MAJOR METCALF *está sentado no sofá lendo um livro e a* SRA. BOYLE, *na grande poltrona à* D, *em frente ao fogo, escreve em um bloco que tem sobre os joelhos.*

SRA. BOYLE: Considero *muito* desonesto não ter sido informada de que eles estavam iniciando o seu negócio.

MAJOR METCALF: Bem, tudo tem de começar, como sabe. O desjejum foi excelente. Ótimo café. Ovos mexidos, geléia feita em casa. Tudo muito bem servido, além do mais. E a moça faz tudo sozinha.

SRA. BOYLE: Amadores — deveria haver uma criadagem apropriada.

MAJOR METCALF: O almoço também foi ótimo.

SRA. BOYLE: Carne enlatada.

MAJOR METCALF: Porém muito bem disfarçada. Temperada com vinho tinto. E a Sra. Ralston prometeu-nos um empadão para o jantar.

SRA. BOYLE: Esses radiadores não são suficientemente quentes. Vou fazer minha reclamação.

MAJOR METCALF: E as camas também são muito confortáveis. Pelo menos a minha o é. Espero que a sua também.

SRA. BOYLE: É perfeitamente satisfatória. Eu não compreendo por que razão o melhor quarto foi dado àquele rapaz *esquisitíssimo.*

MAJOR METCALF: Ele chegou primeiro. O primeiro da fila sempre escolhe.

SRA. BOYLE: Pelo anúncio tive a impressão de que o lugar seria *completamente* diferente. Uma boa saleta para se escrever cartas, tudo muito mais amplo — com *bridge* e outros passatempos.

MAJOR METCALF: Enfim, um ninho ideal para gatas velhas.

SRA. BOYLE: Como disse?

MAJOR METCALF: Hum — compreendo o que quer dizer.

(WREN *entra da escada, sem ser notado.)*

SRA. BOYLE: É. Não pretendo ficar aqui muito tempo.

CHRISTOPHER: É; eu acho que não vai ficar, mesmo. *(Vai para a biblioteca.)*

SRA. BOYLE: Ele é realmente muito esquisito. Deve ser mentalmente desequilibrado.

MAJOR METCALF: Acho que fugiu de algum hospício.

SRA. BOYLE: Eu não ficaria nada espantada. (MOLLIE *entra no arco à* DA.*)*

MOLLIE: *(Chamando para o alto da escada.)* Giles?

GILES: (fora.) O que é?

MOLLIE: Quer tornar a tirar a neve da porta dos fundos?

GILES: *(Fora.)* Já vou. (MOLLIE *sai pela* DA.)

MAJOR METCALF: Vou ajudar um pouco, está bem? É um bom

exercício. Eu preciso de exercício. *(Sai à* DA.)

(GILES *desce e vai sair à* DA. MOLLIE, *carregando um espanador e um aspirador, cruza e sobe a escada, esbarra na* SRTA. CASEWELL, *que está descendo.)*

MOLLIE: Desculpe!

SRTA. CASEWELL: Não foi nada. (MOLLIE *sai,* SRTA. CASEWELL *desce, lenta.)*

SRA. BOYLE: Fora de brincadeira! Essa moça é inacreditável. Será que não sabe nada sobre trabalho doméstico? Carregando um aspirador pelo *hall* de entrada. Será que não há escadas de serviço?

SRTA. CASEWELL: Há, sim — umas escadas muito simpáticas. Ótimas para caso de incêndio.

SRA. BOYLE: Então por que não são usadas? Seja como for, a casa toda deveria estar arrumada antes do almoço.

SRTA. CASEWELL: Creio que a nossa anfitriã teve de preparar o almoço.

SRA. BOYLE: Tudo muito desleixado e amadorístico. Deveria haver uma criadagem adequada.

SRTA. CASEWELL: Que não é muito fácil de se encontrar hoje em dia; é?

SRA. BOYLE: Não. Na realidade, as classes inferiores não têm a menor idéia de suas responsabilidades.

SRTA. CASEWELL: Ai, as velhas classes inferiores! Parece que pegaram o freio nos dentes, não foi?

SRA. BOYLE: Depreendo que a senhorita seja uma socialista.

SRTA. CASEWELL: Bem, eu não diria tanto. Não sou vermelha — talvez apenas um rosa-pálido. Mas não me interesso muito

por política: vivo no exterior.

SRA. BOYLE: Imagino que no exterior as condições sejam muito melhores.

SRTA. CASEWELL: Bem, eu não tenho de cozinhar nem limpar nada — que, ao que parece, quase todos são obrigados a fazer aqui.

SRA. BOYLE: Este país entrou em melancólica decadência. Não é mais o mesmo. Eu vendi minha casa no ano passado. Estava tudo muito difícil.

SRTA. CASEWELL: Os hotéis e pensões são mais fáceis.

SRA. BOYLE: Bem, eles sem dúvida resolvem alguns de nossos problemas. Pretende demorar-se muito na Inglaterra?

SRTA. CASEWELL: Depende de uns negócios que tenho de resolver. Assim que acertar tudo vou voltar.

SRA. BOYLE: Para a França?

SRTA. CASEWELL: Não.

SRA. BOYLE: Para a Itália? SRTA.

CASEWELL: Não.

(A SRA. BOYLE *lança-lhe um olhar inquiridor, porém ela não reage. A* SRA. BOYLE *começa a escrever. A* SRTA. CASEWELL *ri ao ligar o rádio, primeiro baixinho, depois aumentando o volume.)*

SRA. BOYLE: Será que se importava de não tocar isso tão alto? O rádio é muito perturbador quando se está tentando escrever cartas.

SRTA. CASEWELL: É mesmo?

SRA. BOYLE: Se não está interessada em ouvi-lo agora...

SRTA. CASEWELL: É minha música favorita. Há uma

escrivaninha lá dentro. *(Aponta para a porta da biblioteca.)*

SRA. BOYLE: Eu sei. Mas aqui está mais quente.

SRTA. CASEWELL: Concordo que aqui está mais quente. *(Dança ao som da música. A* SRA. BOYLE, *após um olhar furioso, vai para a biblioteca.* SRTA. CASEWELL *ri.)* Velha desgraçada. *(Senta-se.)*

(WREN *entra, vindo da biblioteca.)*

CHRISTOPHER: Oh!

SRTA. CASEWELL: Olá.

CHRISTOPHER: Para todo lugar que eu vou aquela mulher me persegue — e depois fica me olhando — com os olhos deste tamanho.

SRTA. CASEWELL: *(Indicando o rádio.)* Quer diminuir, por favor?

CHRISTOPHER: *(Diminuindo até volume suave.)* Está bom, assim?

SRTA. CASEWELL: Ah, sim; já preencheu suas funções.

CHRISTOPHER: Que funções?

SRTA. CASEWELL: Táticas, menino. *(Ela aponta a biblioteca.)*

CHRISTOPHER: Ah, está falando *dela.*

SRTA. CASEWELL: Ela tinha ocupado a melhor cadeira. Agora é minha.

CHRISTOPHER: Conseguiu enxotá-la? Que bom! Que maravilha! Não gosto nada dela. Vamos inventar coisas para deixá-la furiosa? Eu queria que ela fosse embora daqui.

SRTA. CASEWELL: Com esse tempo? Nem pensar.

CHRISTOPHER: Mas quando a neve derreter.

SRTA. CASEWELL: Ora, quando a neve derreter muita coisa pode acontecer.

CHRISTOPHER: É. Isso é verdade. A neve é linda, não é? Tão

tranquila... tão pura... faz a gente esquecer de tudo.

SRTA. CASEWELL: A mim não faz esquecer de nada.

CHRISTOPHER: Sua voz parece tão feroz.

SRTA. CASEWELL: Eu estava pensando.

CHRISTOPHER: Em que tipo de coisa?

SRTA. CASEWELL: Gelo no jarro d'água no quarto, frieiras abertas e sangrando — um único cobertor, fino e rasgado — uma criança tiritando de medo e de frio.

CHRISTOPHER: Mas, querida, parece horrível — mas horrível mesmo! De onde saiu isso? De uma novela?

SRTA. CASEWELL: Não sabia que eu era escritora, sabia?

CHRISTOPHER: E é mesmo?

SRTA, CASEWELL: Desculpe desapontá-lo. Não sou, não. *(Cobre o rosto com a revista que estava olhando.)*

(WREN *liga o rádio muito alto e sai para a sala de visitas. O telefone toca.)*

MOLLIE: *(Desce a escada, com espanador na mão, e atende.)* Alô? *(Desliga o rádio.)* Sim, é da Pensão Monkswell Manor... O quê?... Não, sinto muito, mas o Sr. Ralston não pode atender agora. Aqui é a Sra. Ralston. Quem?... A Polícia de Berkshire...? Ah, sim, eu sei, Superintendente Hogben. Mas não é possível. Ele não ia conseguir chegar aqui. A neve nos isolou completamente. Ninguém passa nas estradas... *(A* SRTA. CASEWELL *vai para o arco à* EA.) Não passa nada... Sim... Muito bem... Mas o quê... Alô... alô... *(Desliga.* GILES *entra à* DA *de sobretudo, que tira e pendura no* hall.)

GILES: Mollie, você sabe onde é que está a outra pá?

MOLLIE: Giles, a polícia acaba de telefonar.

SRTA. CASEWELL: Problemas com a polícia, hein? Servindo bebidas depois do horário, na certa. *(Sai, pela escada.)*

MOLLIE: Eles vão mandar um inspetor ou sargento ou não sei o quê.

GILES: Mas ele nunca vai conseguir chegar aqui.

MOLLIE: Foi o que eu disse. Mas eles parecem ter a certeza de que ele conseguirá.

GILES: Que asneira. Hoje nem jipe consegue passar. Mas, afinal, por que tudo isso?

MOLLIE: Foi o que eu perguntei. Mas não disseram. Só me aconselharam a mostrar a meu marido que era importante ouvir o que o Sargento Trotter, acho que era esse o nome, teria a dizer e de seguir suas instruções. Não é muito estranho?

GILES: Que diabo será que nós fizemos?

MOLLIE: Será que foram aquelas meias de náilon que vieram de Gibraltar?

GILES: Eu paguei a licença do rádio, não paguei?

MOLLIE: Pagou; o recibo está numa gaveta na cozinha.

GILES: Eu quase que tive uma batida feia, no outro dia, com o carro, mas a culpa foi do outro sujeito.

MOLLIE: Nós devemos ter feito alguma coisa...

GILES: Provavelmente é alguma coisa com o funcionamento da pensão. Vai ver que esquecemos alguma exigência de algum daqueles ministérios. Hoje em dia é impossível não esquecer alguma daquelas coisas todas.

MOLLIE: Ai, meu Deus, não sei para que nós inventamos isto. Vamos ficar presos na neve dias a fio, todo mundo está de mau humor e nossa reserva de comida em lata vai acabar.

GILES: Coragem, meu bem. Na hora tudo dá certo. Eu já enchi

todos os depósitos de carvão, trouxe lenha para dentro, preparei a caldeira e tratei das galinhas. Agora só falta a água quente dos banheiros e cortar um pouco de lenha miúda... *(Toma fôlego.)* Sabe, Mollie, deve ser alguma coisa muito séria para a polícia mandar alguém até aqui com esse tempo. Alguma coisa realmente urgente... *(Os dois se entreolham preocupados, a* SRA. BOYLE *entra, vinda da biblioteca.)*

SRA. BOYLE: Ah, o senhor está aí, Sr. Ralston. Não sei se sabe que o aquecimento na biblioteca está praticamente gelado?

GILES: Desculpe, Sra. Boyle, mas estamos com pouco carvão e...

SRA. BOYLE: Eu estou pagando sete guinéus por semana aqui — sete guinéus e não estou com vontade de morrer gelada.

GILES: Eu já vou recarregar a calefação, *(Sai pelo arco à* DA. MOLLIE *vai segui-lo.)*

SRA. BOYLE: Sra. Ralston, se me permite, devo dizer que há um rapaz muito esquisito hospedado aqui. Os modos — as gravatas — será que jamais ele penteia o cabelo?

MOLLIE: Ele é um jovem arquiteto extraordinariamente brilhante.

SRA. BOYLE: Como disse?

MOLLIE: Christopher Wren é um arquiteto...

SRA. BOYLE: Minha cara menina, naturalmente já ouvi falar de Sir Christopher Wren que, é claro, era arquiteto. Construiu a Catedral de St. Paul's. Vocês, jovens, parece que pensam que são as únicas pessoas no mundo devidamente instruídas.

MOLLIE: Estou falando *deste* Wren. Seu nome é Christopher. Seus pais deram-lhe esse nome na esperança de que se tornasse arquiteto. E tornou-se — ou está em vias de tornar-se — de modo que parece que tudo deu certo.

SRA. BOYLE: Hmmmfff!! A mim a história parece muito suspeita. Se fosse a senhora investigaria um pouco essa pessoa. O que

sabe a respeito dele?

MOLLIE: Tanto quanto sei a seu respeito, Sra. Boyle — ou seja, que ambos me pagam sete guinéus por semana. E é só o que preciso saber, não é? É só o que me diz respeito. Não faz a menor diferença eu gostar de meus hóspedes... ou não.

SRA. BOYLE: Sendo jovem e inexperiente, deveria receber conselhos de alguém com mais experiência. E quanto a esse estrangeiro?

MOLLIE: O que é que há com ele?

SRA. BOYLE: Não estava esperando por ele, estava?

MOLLIE: Recusar um viajante *bona fide* é contra a lei, Sra. Boyle. A *senhora* devia saber disso.

SRA. BOYLE: Por que diz isso?

MOLLIE: A senhora não era magistrada? Membro do judiciário?

SRA. BOYLE: Eu só estava dizendo que esse Paravicini, ou sei lá como é que ele diz chamar-se, parece-me...

PARAVICINI: *(Entrando silenciosamente pela escada.)* Cuidado, minha boa senhora. É só falar no diabo que ele aparece. Ha, ha, ha.

SRA. BOYLE: *(Num sobressalto.)* Eu não o ouvi chegar.

PARAVICINI: Eu vim na ponta dos pés — assim. *(Demonstra.)* Ninguém me ouve, se não quiser. É muito divertido... para mim.

SRA. BOYLE: Verdade?

PARAVICINI: Por exemplo, havia uma moça...

SRA. BOYLE: Tenho de acabar minhas cartas. Vou ver se a sala está quente.

(SRA. BOYLE *sai para a sala de visitas.)*

PARAVICINI: Minha encantadora anfitriã parece preocupada. De que se trata, minha cara senhora? *(Lança-lhe olhares suspeitos.)*

MOLLIE: Está tudo um pouco difícil esta manhã. Por causa da neve.

PARAVICINI: É. A neve dificulta as coisas, não é? Ou então facilita. Sim, facilita muito.

MOLLIE: Não sei o que quer dizer.

PARAVICINI: Não. Há muita coisa que a senhora não sabe. Eu acho, por exemplo, que não sabe muita coisa a respeito de como se opera uma pensão.

MOLLIE: Aposto que não. Mas nós estamos resolvidos a conseguir.

PARAVICINI: Bravo! Bravo! *(Aplaude.)*

MOLLIE: Eu não cozinho tão mal assim...

PARAVICINI: *(Com olhar suspeito.)* Não tenho dúvidas de que seja uma cozinheira encantadora. *(Vai até* MOLLIE *e toma-lhe a mão. Ela a retira e se afasta.)* Posso dar-lhe um conselho, Sra. Ralston? A senhora e seu marido não devem confiar com tanta facilidade. A senhora tem referências desses seus hóspedes?

MOLLIE: Mas isso é feito, normalmente? Sempre pensei que as pessoas apenas — apareciam.

PARAVICINI: É aconselhável saber alguma coisa a respeito das pessoas que dormem sob o seu teto. Veja o meu caso, por exemplo. Eu apareço dizendo que meu carro está encalhado na neve. O que sabe de mim? Nada! Posso ser um gatuno, um assaltante, um fugitivo da Justiça — um louco — até mesmo — um assassino.

MOLLIE: *(Recuando.)* Oh!

PARAVICINI: Viu? E é possível que saiba igualmente pouco a

respeito de seus outros hóspedes.

MOLLIE: Bem, quanto à Sra. Boyle... *(Esta entra, vinda da sala.)*

SRA. BOYLE: A sala está fria demais para se ficar lá. Escreverei minhas cartas aqui mesmo.

PARAVICINI: Permita-me avivar o fogo para a senhora.

(*O* MAJOR *entra pelo arco à* DA.)

MAJOR METCALF: *(Com reserva antiquada.)* Sra. Ralston, seu marido está por aí? Temo que o encanamento do — hum, er — lavatório deste andar esteja congelado.

MOLLIE: Ai, ai. Que dia terrível. Primeiro a polícia, depois o encanamento. (*Vai para arco à* DA. PARAVICINI *deixa cair o atiçador com estardalhaço, o MAJOR parece ficar paralisado.)*

SRA. BOYLE: *(Assustada.)* A polícia?

MAJOR METCALF: *(Incrédulo.)* Disse a polícia?

MOLLIE: Eles telefonaram. Agora mesmo. Dizendo que vão mandar um sargento. Mas não acredito que ele consiga chegar até aqui.

GILES: *(Entrando pelo arco à* DA, *com cesta de lenha.)* A metade do carvão mineral é pedra pura. E o preço... Olá, aconteceu alguma coisa?

MAJOR METCALF: Ouvi dizer que a polícia está vindo para cá. Por quê?

GILES: Ora, está tudo bem. E *ninguém* vai conseguir chegar até aqui. Há lugares em que a neve já está quase da altura de um homem. As estradas estão todas bloqueadas. Ninguém chega até aqui hoje. Com licença, Sr. Paravicini. Deixe-me botar essa lenha aí.

(Há três batidas na janela: O SARGENTO TROTTER *amassa o rosto de encontro ao vidro para olhar para dentro.* MOLLIE *dá um grito e aponta.* GILES *vai abrir a janela. O sargento está de esquis. É um rapaz alegre e comum, com um jeito de falar um tanto popular.)*

TROTTER: O senhor é o Sr. Ralston?

GILES: Sou.

TROTTER: Obrigado, senhor. Sargento Detetive Trotter. Polícia de Berkshire. Será que dá para botar esses esquis em algum canto por aí?

GILES: *(Apontando.)* Pela porta. Eu vou abrir.

TROTTER: Obrigado, senhor. (GILES *deixa a janela aberta e vai para a porta.)*

SRA. BOYLE: É para isso que, hoje em dia, pagamos nossas forças policiais — para andar por aí fazendo esportes de inverno.

PARAVICINI: *(Com murmúrio feroz para* MOLLIE.) Por que a senhora mandou chamar a polícia, Sra. Ralston?

MOLLIE: Mas eu não mandei. *(Fecha a janela.)*

(WREN *entra, da sala de visitas à* E.)

CHRISTOPHER: Quem é aquele homem? De onde é que veio? Ele passou pela janela da sala, de esquis. Coberto de neve e parecendo contentíssimo.

SRA. BOYLE: Acredite, se quiser; o homem é um policial. Um policial — esquiando!

(GILES *e* TROTTER *entram vindos da porta principal.* TROTTER *carrega seus esquis.)*

GILES: Er — este é o Sargento Detetive Trotter.

TROTTER: Boa-tarde.

SRA. BOYLE: O senhor não pode ser sargento. E jovem demais.

TROTTER: Não sou tão jovem quanto pareço, minha senhora.

CHRISTOPHER: Mas tem ótima disposição.

GILES: Nós guardamos os esquis debaixo da escada. *(Sai com* TROTTER.*)*

MAJOR METCALF: Desculpe-me, Sra. Ralston; porém será que eu poderia usar o seu telefone?

MOLLIE: Mas naturalmente, Major. (MAJOR *vai até o telefone e disca.)*

CHRISTOPHER: Ele é muito atraente, não acham? Eu sempre acho os policiais muito atraentes.

SRA. BOYLE: Basta olhar para ver que não tem massa encefálica.

MAJOR METCALF: *(Ao telefone.)* Alô! Alô!... *(Para* MOLLIE.*)* Sra. Ralston, o telefone está mudo. Completamente mudo.

MOLLIE: Mas estava funcionando há meia hora.

MAJOR METCALF: Na certa a linha cedeu com o peso da neve.

CHRISTOPHER: *(Histérico.)* Então estamos inteiramente isolados, agora. Completamente isolados. É muito engraçado, não é?

MAJOR METCALF: Não vejo o menor motivo para risos.

SRA. BOYLE: Motivo algum.

CHRISTOPHER: É uma piada só aqui comigo. Psst! O xereta já está voltando.

(TROTTER *entra, vindo da escada, com* GILES.*)*

TROTTER: *(Tirando caderno do bolso.)* Bem, agora podemos trabalhar, Sr. Ralston. Sra. Ralston?

GILES: O senhor deseja ver-nos a sós? Podemos ir para a biblioteca.

TROTTER: Não é necessário, senhor. Pouparemos tempo com todos presentes. Posso sentar-me nesta mesa aí? *(Vai para a mesa do refeitório.)*

PARAVICINI: Desculpe. *(Sai de trás da mesa.)*

TROTTER: Obrigado. *(Senta-se.)*

MOLLIE: Ora, fale logo. O que foi que nós fizemos?

TROTTER: *(Surpreendido.) Fizeram?* Ora, não é nada *desse* tipo, Sra. Ralston. É outra coisa completamente diferente. Trata-se mais de um caso de proteção policial, se é que me compreende.

MOLLIE: Proteção policial?

TROTTER: Em relação com a morte da Sra. Lyon — Sra. Maureen Lyon, do número 24 da Rua Culver, em Londres, assassinada ontem, quinze do corrente. Ouviram falar do caso?

MOLLIE: Sim, eu ouvi no rádio. A mulher que foi estrangulada?

TROTTER: Isso mesmo, madame. *(Para* GILES.) A primeira coisa que desejo saber é se conheciam essa Sra. Lyon.

GILES: Nunca ouvi falar dela. (MOLLIE *sacode a cabeça.)*

TROTTER: É possível que não a conhecessem pelo nome de Lyon. Lyon não era seu nome verdadeiro. Tinha ficha policial e suas impressões digitais estavam arquivadas, de modo que pudemos identificá-la sem dificuldade. Seu verdadeiro nome era Maureen Stanning. Seu marido era um fazendeiro, John Stanning, que morava na Fazenda Longridge, não muito longe daqui.

GILES: A Fazenda Longridge! Não foi lá que aquelas crianças...?

TROTTER: Exatamente. Foi um caso famoso.

SRTA. CASEWELL: *(Entrando, da escada.)* Três crianças... *(Todos*

olham para ela.)

TROTTER: Isso mesmo, dona. Os Corrigans. Dois meninos e uma menina. Levados a um tribunal de menores por necessitarem de cuidado e proteção. Deram-lhes um novo lar na casa do casal Stanning na Fazenda Longridge. Subsequentemente uma das crianças morreu como resultado de negligência criminosa e constantes maus-tratos. O caso causou certa sensação, na época.

MOLLIE: *(Muito abalada.)* Foi horrível.

TROTTER: Os dois Stannings foram para a cadeia. Ele morreu na prisão. Ela cumpriu a sentença e foi libertada. Ontem, como já disse, foi encontrada assassinada.

MOLLIE: Quem foi?

TROTTER: Já chego lá, madame. Um caderninho de notas foi encontrado perto da cena do crime. Nele havia dois endereços. Um era 24, Rua Culver; e outro *(pausa)* era Monkswell Manor.

GILES: O quê?

TROTTER: Isso mesmo, meu senhor. (PARAVICINI *vai lentamente para a escada e se encosta no arco.)* Foi por isso que o Superintendente Hogben, ao receber essa informação da Scotland Yard, julgou fundamental minha vinda aqui para descobrir se os senhores sabiam de qualquer ligação entre esta casa, ou qualquer pessoa nesta casa, e o caso da Fazenda Longridge.

GILES: Não há nada — absolutamente nada. Deve ser uma coincidência.

TROTTER: O superintendente não acredita que seja coincidência, meu senhor. (*O* MAJOR *olha para* TROTTER. *Pega o cachimbo e enche-o.)* Ele teria vindo pessoalmente se tivesse sido possível. Com este tempo, e já que eu sei esquiar, ele me

mandou com ordens para obter informações completas a respeito de todos nesta casa e fazer-lhe um relatório por telefone, bem como para tomar quaisquer medidas que julgar necessárias quanto à segurança de todos nesta casa.

GILES: Segurança? Em que perigo ele acha que estamos? Meu Deus, ele não está achando que alguém poderá ser morto aqui.

TROTTER: Não desejo assustar as senhoras — mas, falando francamente, sim — é disso que ele tem medo.

GILES: Mas — por quê?

TROTTER: É o que eu vim descobrir.

GILES: Mas isso tudo é uma loucura!

TROTTER: Sim, senhor. E por se tratar de uma loucura é que é perigoso.

SRA. BOYLE: Que bobagem!

SRTA. CASEWELL: Confesso que a mim tudo parece um tanto imaginoso.

CHRISTOPHER: Eu acho sensacional!

MOLLIE: Há alguma coisa que o senhor não nos disse, Sargento?

TROTTER: Sim, senhora. Abaixo dos dois endereços estava escrito: "Três ratos cegos." E no corpo da morta havia um papel onde se lia: "Este é o primeiro" e, abaixo das palavras, o desenho de três ratinhos e uma pauta com notas musicais. Era a melodia da canção infantil *Três Ratos Cegos,* que todos já conhecem *(Canta.)* "Três ratos cegos..."

MOLLIE: *(Cantando.)* "Três ratos cegos

Correm ligeiro

Vão todos atrás da mulher do fazendeiro..."

Mas que coisa horrível.

GILES: Havia três crianças e uma morreu?

TROTTER: Sim, a menor. Um menino de onze anos.

GILES: E o que aconteceu com os outros?

TROTTER: A menina foi adotada por alguém. Não conseguimos descobrir onde está, atualmente. O menino mais velho teria agora uns vinte e dois anos. Desertou do Exército e não se teve mais notícias dele. Segundo o psicólogo do Exército, era nitidamente esquizofrênico. *(Explicando.)* Quero dizer, não era bom da cabeça.

MOLLIE: E acham que foi ele quem matou a Sra. Lyon — a Sra. Stanning?

TROTTER: Acham.

MOLLIE: E que é um maníaco homicida e vai aparecer por aqui para matar outra pessoa? Mas por quê?

TROTTER: Isso é o que eu tenho de descobrir dos senhores. Segundo o Superintendente, tem de haver alguma ligação. *(Para* GILES.) Ora, o senhor afirma que pessoalmente jamais teve qualquer ligação com o caso da Fazenda Longridge?

GILES: Jamais.

TROTTER: *(Para* MOLLIE.) E o mesmo é válido para a senhora?

MOLLIE: *(Pouco à vontade.)* Eu — não — quero dizer — nenhuma ligação.

TROTTER: E quanto aos criados? (SRA. BOYLE *demonstra desaprovação.)*

MOLLIE: Nós não temos criados. E por falar nisso, sargento, o senhor se importa que eu vá para a cozinha? Estarei lá se precisar de mim.

TROTTER: Não há problema, Sra. Ralston. (MOLLIE sai *à* DA, GILES *vai sair, mas pára quando* TROTTER *fala*.) E agora poderiam todos dar-me seus nomes, por favor?

SRA. BOYLE: Isto é inteiramente ridículo. Estamos apenas

hospedados nessa espécie de hotel. Só chegamos ontem. Não temos nada a ver com este lugar.

TROTTER: No entanto, planejaram sua vinda para cá com antecedência. Já haviam feito suas reservas.

SRA. BOYLE: Bem, é claro. Todos menos o Sr...?

PARAVICINI: Paravicini. Meu carro encalhou em um banco de neve.

TROTTER: Compreendo. O que estou tentando dizer é que qualquer pessoa que estivesse seguindo um dos senhores poderia saber muito bem que estavam planejando vir para cá. E agora só há uma coisa que eu quero saber, e quero saber logo. Qual dos senhores tem algum tipo de ligação com aquele caso da Fazenda Longridge? *(Silêncio mortal.)* Não estão sendo muito sensatos, sabem? Um dos senhores está em perigo — perigo muito real. Tenho de saber quem é. *(Novo silêncio.)* Muito bem, perguntarei de um em um. *(A* PARAVICINI.) O senhor, em primeiro lugar, já que parece ter chegado aqui mais ou menos por acaso, Sr. Pari — ?

PARAVICINI: Para — Paravicini. Mas, meu caro inspetor, eu não sei de nada, de nada do que o senhor falou. Sou estrangeiro. Não sei nada a respeito de acontecimentos locais de muitos anos atrás.

TROTTER: *(Para a* SRA. BOYLE.) Sra. — ?

SRA. BOYLE: Boyle. Eu não percebo — realmente considero uma impertinência... Por que haveria *eu* de ter alguma coisa a ver com — acontecimentos tão perturbadores? *(O* MAJOR *lança-lhe um olhar cortante.)*

TROTTER: *(Para a* SRTA. CASEWELL.) Srta. — ?

SRTA. CASEWELL: Casewell. Leslie Casewell. Jamais ouvi falar na Fazenda Longridge e não sei nada a respeito dela.

TROTTER: O senhor?

MAJOR METCALF: Metcalf — Major. Li a respeito do caso, quando aconteceu. Estava servindo em Edimburgo, na época. Nenhum contato pessoal.

TROTTER: *(Para* WREN.*)* E o senhor?

CHRISTOPHER: Christopher Wren. Eu era menino naquele tempo. Não me lembro nem sequer de ouvir falar.

TROTTER: E é tudo o que têm a dizer — todos aqui? *(Silêncio.)* Bem, se um dos senhores for assassinado, só terão de culpar a si mesmos. Bem, Sr. Ralston, agora posso dar uma olhada na casa? *(Sai à* DA *com* GILES.*)*

CHRISTOPHER: Mas, queridos, que melodramático. Ele é muito atraente, não é? Eu admiro muito a polícia. Tão severa, calejada. A história toda é muito excitante. *Três Ratos Cegos.* Como é mesmo a música? *(Assobia ou cantarola.)*

SRA. BOYLE: Realmente, Sr. Wren!

CHRISTOPHER: Não gosta? Mas é uma assinatura musical — a assinatura de um assassino. Imaginem só como ele deve estar se divertindo com a coisa toda!

SRA. BOYLE: Asneiras melodramáticas. Não acredito em uma só palavra.

CHRISTOPHER: Mas espere só, Sra. Boyle. Até eu deslizar atrás da senhora e a senhora sentir minhas mãos em sua garganta.

SRA. BOYLE: Pare...

MAJOR METCALF: Agora chega, Christopher. A piada não é muito boa. E, na verdade, nem sequer é uma piada.

CHRISTOPHER: Mas é claro que é! É exatamente o que é. Uma piada de louco. É isso que torna tudo tão deliciosamente *macabro. (Ri.)* Se vissem suas caras! *(Sai à* D.)

SRA. BOYLE: Um rapaz singularmente mal-educado e neurótico.

(MOLLIE *entra, vindo da sala de jantar.)*

MOLLIE: Onde está Giles?

SRTA. CASEWELL: Servindo de guia para o nosso policial, que está fazendo uma excursão turística pela casa.

SRA. BOYLE: Seu amigo arquiteto acaba de se comportar de forma excepcionalmente anormal.

MAJOR METCALF: Os rapazes hoje em dia parecem tão nervosos. Mas na certa depois ele supera essa fase.

SRA. BOYLE: Nervosos? Eu não tenho paciência com gente que diz que sofre dos nervos. Eu nunca tive nervos na vida.

MAJOR METCALF: Não? Talvez tenha sido sorte sua, Sra. Boyle.

SRA. BOYLE: O que quer dizer com isso?

MAJOR METCALF: Creio que a senhora era um dos magistrados da vara de família, naquele tempo. Se não me engano, a senhora foi a responsável pela ida dos meninos para a Fazenda Longridge.

SRA. BOYLE: Realmente, Major Metcalf. Eu dificilmente poderia ser responsabilizada. Tínhamos os relatórios dos assistentes sociais. Aqueles fazendeiros pareciam ótimas pessoas e muito interessadas em ficar com os meninos. Tudo parecia muito satisfatório. Ovos, leite fresco e uma saudável vida ao ar livre.

MAJOR METCALF: Pontapés, murros, fome e um casal inteiramente sórdido.

SRA. BOYLE: E como é que eu podia saber? Eles falavam com muito bons modos.

MOLLIE: Então eu tinha razão. Foi a senhora...

(O MAJOR *lança um olhar penetrante a* MOLLIE.)

SRA. BOYLE: Tenta-se servir bem e só se recebe ofensas.

PARAVICINI: *(Rindo às gargalhadas.)* Desculpem, mas na verdade, acho tudo isso um grande divertimento para mim. *(Sai para a sala de visitas.)*

SRA. BOYLE: Jamais gostei daquele homem!

SRTA. CASEWELL: De onde é que ele veio, ontem à noite?

MOLLIE: Não sei.

SRTA. CASEWELL: Me parece meio fresco. E pinta o rosto. Usa pó e *rouge.* Dá nojo. Ele já deve ser um bocado velho, também.

MOLLIE: Mas anda saltitando por aí, como se fosse muito jovem.

MAJOR METCALF: Vocês vão precisar de mais lenha. Eu vou buscar. *(Sai à* DA.)

MOLLIE: Está quase escuro e ainda são quatro horas. Vou acender as luzes. *(Vai à* DB, *e acende as arandelas sobre a lareira.)* Assim está melhor. *(Pausa. A* SRA. BOYLE *parece constrangida;* MOLLIE *e a* SRTA. CASEWELL *observam-na.)*

SRA. BOYLE: *(Juntando seu material de escrever.)* Onde será que deixei minha caneta? *(Sai para a biblioteca.)*

(Ouve-se, da sala de visitas, a música de Três Ratos Cegos *sendo tocada com um dedo só.)*

MOLLIE: Que musiquinha horrorosa é essa?

SRTA. CASEWELL: Não gosta dela? Será que lembra sua infância — talvez uma infância infeliz?

MOLLIE: Eu fui muito feliz quando criança.

SRTA. CASEWELL: Teve sorte.

MOLLIE: Não foi feliz?

SRTA. CASEWELL: Não.

MOLLIE: Sinto muito.

SRTA. CASEWELL: Mas tudo isso já foi há muito tempo. A gente se cura.

MOLLIE: Acho que sim.

SRTA. CASEWELL: Ou será que não? É muito difícil dizer.

MOLLIE: Dizem que as coisas que acontecem com a gente quando criança são mais importantes do que todo o resto.

SRTA. CASEWELL: Dizem — dizem. Quem é que diz?

MOLLIE: Os psicólogos.

SRTA. CASEWELL: Mistificação. Um bando de asneiras. Não suporto nem psicólogos nem psiquiatras.

MOLLIE: Eu, na verdade, nunca tive muito contato com nenhum deles.

SRTA. CASEWELL: Sorte sua. É tudo balela — tudo. A vida é o que se faz dela. É só continuar em frente — e não olhar para trás.

MOLLIE: Nem sempre se pode deixar de olhar para trás.

SRTA. CASEWELL: Que bobagem. É uma questão de força de vontade.

MOLLIE: Talvez.

SRTA. CASEWELL: Eu *sei* que é.

MOLLIE: Acho que tem razão... Mas, às vezes, acontecem coisas que nos — fazem lembrar...

SRTA. CASEWELL: É não ceder. É dar as costas a elas.

MOLLIE: Será mesmo esse o caminho certo? Não sei. Talvez esteja errado. Talvez o melhor seja enfrentar as coisas.

SRTA. CASEWELL: Depende do que é que você está falando.

MOLLIE: Às vezes, eu mal sei do que é que estou falando.

SRTA. CASEWELL: Nada, do passado, vai me afetar — a não ser da forma que eu quiser. (GILES *e* TROTTER *entram, da*

escada.)

TROTTER: Bem, lá em cima está tudo em ordem. *(Olha pela porta aberta da sala de jantar e sai por ela. Reaparece no arco à* DA. *A* SRTA. CASEWELL *sai para a sala de jantar, deixando a porta aberta.* MOLLIE *levanta-se e arruma a sala.* TROTTER *abre aporta à* EB.) O que é aqui? Sala de visitas? *(O som do piano é ouvido com mais força quando aporta é aberta.* TROTTER *sai para a sala de visitas. Pouco depois reaparece na porta à* EA.)

SRA. BOYLE: *(Fora.)* Importa-se de fechar essa porta? A casa é toda cheia de correntes de ar.

TROTTER: Desculpe, minha senhora. Mas tenho de reconhecer o terreno. *(Fecha aporta e sobe a escada.)*

GILES: Mollie, o que é tudo isso...?

TROTTER: *(Reaparecendo na escada.)* Bem, investigação terminada. Nada de suspeito. Agora acho que vou fazer meu relatório ao Superintendente. *(Vai para o telefone.)*

MOLLIE: Não se pode telefonar. Está mudo...

TROTTER: O quê? *(Pega o fone.)* Desde quando?

MOLLIE: O Major Metcalf tentou telefonar, pouco depois de o senhor chegar.

TROTTER: Mas antes estava em ordem. O Superintendente conseguiu falar.

MOLLIE: Conseguiu. Mas acho que, depois disso, a neve derrubou os fios.

TROTTER: Será? Podem ter sido *cortados. (Recoloca o fone.)*

GILES: Cortados? Mas quem poderia cortá-los?

TROTTER: Sr. Ralston... O que sabe o senhor a respeito dessas pessoas que estão hospedadas na sua pensão?

GILES: Eu — nós — nós na verdade não sabemos nada a respeito

delas.

TROTTER: Ah.

GILES: A Sra. Boyle escreveu de um hotel em Bournemounth, o Major Metcalf, de um endereço em — onde era, mesmo?

MOLLIE: Leamington.

GILES: Wren escreveu de Hampstead e a tal Casewell de um hotel residencial em Kensington. Paravicini, como já lhe dissemos, surgiu da noite, ontem. Mas, afinal, todos eles devem ter cupons de racionamento — esse tipo de coisa.

TROTTER: Naturalmente investigarei tudo isso. Mas não se pode confiar muito nessa espécie de prova.

MOLLIE: Mas mesmo que esse — esse maníaco — esteja querendo nos matar a todos — ou a um de nós, agora estamos inteiramente seguros. Por causa da neve. Ninguém poderá chegar aqui antes que derreta.

TROTTER: A não ser que já esteja aqui.

GILES: Aqui?

TROTTER: E por que não, Sr. Ralston? Toda essa gente chegou aqui ontem no fim da tarde. Algumas horas depois do assassinato da Rua Culver. Houve mais do que tempo para chegar aqui.

GILES: Mas, com exceção do Sr. Paravicini, todos já tinham feito reservas, antes.

TROTTER: Muito bem; e por que não? Esses crimes foram planejados.

GILES: Crimes? Só houve um crime. Na Rua Culver. Por que tem tanta certeza de que haverá um outro aqui?

TROTTER: De que haverá, não — espero impedi-lo. Mas de que será tentado, sim.

GILES: Eu não acredito. É fantástico demais.

TROTTER: Não há nada de fantástico. São fatos.

MOLLIE: O senhor tem uma descrição do aspecto desse — homem, em Londres?

TROTTER: Altura mediana, peso indeterminado, usava um sobretudo mais para o escuro, chapéu de feltro mole, rosto escondido por um cachecol. Falava sussurrando. *(Pausa.)* Há três sobretudos escuros pendurados no *hall* neste momento. Um deles é seu, Sr. Ralston... Há três chapéus de feltro mole, mais para o claro...

MOLLIE: Eu continuo sem poder acreditar.

TROTTER: Sabem? Esse fio de telefone é que me preocupa. Se foi cortado... *(Vai examinar o fio do telefone.)*

MOLLIE: Eu tenho de ir cuidar das verduras. *(Sai pelo arco à* DA. GILES *pega luva de* MOLLIE *na poltrona ao* C *e segura-a, distraído, alisando-a. Retira da luva um bilhete de ônibus de Londres — olha-o — depois olha na direção em que* MOLLIE *saiu — depois novamente para o bilhete.)*

TROTTER: Há alguma extensão? (GILES, *preocupado com o bilhete, não responde.)*

GILES: Desculpe. Disse alguma coisa?

TROTTER: Disse, Sr. Ralston. Eu disse: "Há alguma extensão?"

GILES: Sim; há uma em nosso quarto.

TROTTER: Quer fazer o favor de experimentá-la, por favor?

(GILES *sai pela escada, levando a luva e a passagem de ônibus e parecendo atônito.* TROTTER *segue o fio até a janela, afasta a cortina e abre a janela, tentando seguir o fio, vai até o arco à* DA *e volta trazendo uma lanterna de mão. Vai até a janela e curva-se, depois pula para fora e desaparece por um momento. Está praticamente escuro. A* SRA. BOYLE *entra,*

vindo da biblioteca, tem um arrepio e nota a janela aberta.)

SRA. BOYLE: Quem deixou esta janela aberta? *(Fecha a janela e a cortina, vai até a lareira e atira um pedaço de lenha no fogo. Liga o rádio. Vai até a mesa ao fundo e pega uma revista. O programa do rádio é musical. Ela muda a estação.)*

VOZ NO RÁDIO: ...para compreender o que chamo a mecânica do medo, é preciso estudar o efeito que ele produz na mente humana. Imagine, por exemplo, que está só em uma sala. Anoitece. Uma porta se abre suavemente atrás de suas costas...

(A porta à DB *abre-se. Ouve-se a música de* Três Ratos Cegos *sendo assoviada. A* SRA. BOYLE *vira-se num sobressalto.)*

SRA. BOYLE: *(Aliviada.)* Ai, ainda bem. Não consigo encontrar nenhum programa que valha a pena ouvir. *(Vai até o rádio e sintoniza o programa de música. Uma mão aparece na porta aberta e aciona o comutador. As luzes se apagam.)* Escuta — o que é que está fazendo? Por que apagou a luz?

(O rádio está em pleno volume e, entremeado com seu som, ruídos de alguém que se asfixia e de luta. O corpo da SRA. BOYLE *cai.* MOLLIE *entra pelo arco à* DA *e pára, perplexa.)*

MOLLIE: Por que é que está tudo escuro? E que barulhada!

Ela acende as luzes no comutadora DA *e cruza até o rádio para abaixá-lo. Então vê a* SRA. BOYLE *caída, estrangulada, na frente do sofá e grita, enquanto...*

(CAI O PANO)

ATO DOIS

CENÁRIO: *O mesmo. Dez minutos mais tarde.*

Quando o pano se abre o corpo da SRA. BOYLE *foi removido e todos estão reunidos na sala.* TROTTER, *no comando, sentado do lado alto da mesa do refeitório;* MOLLIE, *de pé, junto à extremidade* D *da mesma, e todos os outros, sentados: o* MAJOR *na poltrona grande,* WREN *na cadeira escura,* GILES *na escada à* E, *a* SRTA. CASEWELL *na ponta* D *do sofá e* PARAVICINI *na ponta* E.

TROTTER: Agora, Sra. Ralston, procure pensar — *pensar...*

MOLLIE: *(No fim da resistência.)* Não consigo pensar. Minha cabeça está anestesiada.

TROTTER: A Sra. Boyle acabava de ser morta quando a senhora chegou até ela. A senhora veio da cozinha. Tem certeza de que não viu nem ouviu ninguém quando veio pela entrada?

MOLLIE: Não — não, acho que não. Aqui dentro só havia o rádio a todo volume. Eu não consegui imaginar quem poderia tê-lo ligado assim tão alto. Eu não ia conseguir ouvir mais nada com aquele barulho, ia?

TROTTER: Foi essa, claramente, a intenção do assassino — ou assassina.

MOLLIE: Como é que eu ia poder ouvir qualquer outra coisa?

TROTTER: Era possível. Se o assassino tivesse deixado a sala por

ali *(aponta para a* E), ele poderia tê-la ouvido, chegando da cozinha. E poderia ter escapulido pela escada de serviço — ou para a sala de jantar...

MOLLIE: Eu acho — mas não tenho certeza — que ouvi uma porta ranger — e fechar-se — exatamente quando eu saí da cozinha.

TROTTER: Que porta?

MOLLIE: Eu não sei.

TROTTER: Pense, Sra. Ralston — tente *pensar.* Foi lá em cima? Aqui embaixo? Perto? Para a direita? Para a esquerda?

MOLLIE: *(Em lágrimas.)* Estou dizendo que não sei. Não tenho nem sequer a certeza de ter ouvido alguma coisa.

GILES: Será que não pode parar de atormentá-la? Não vê que ela está exausta?

TROTTER: Estamos investigando um assassinato, Sr. Ralston. Até agora, ninguém levou nada disso a sério. A Sra. Boyle não levou. Escondeu de mim determinadas informações. Todos esconderam alguma coisa. Pois bem, a Sra. Boyle está morta. A não ser que cheguemos ao fundo disto tudo — e rápido, lembrem-se —, pode haver outra morte.

GILES: Outra? Que bobagem. Por quê?

TROTTER: *(Sério.)* Porque os ratos cegos são *três.*

GILES: Uma morte para cada um? Mas teria de haver alguma ligação — quero dizer, uma outra ligação — com esse caso da Fazenda Longridge.

TROTTER: Sim, seria necessário que houvesse.

GILES: Mas por que uma outra morte *aqui?*

TROTTER: Porque só havia dois endereços no livrinho que encontramos. Ora, no n° 24 da Rua Culver só havia uma vítima possível. Ela está morta. Mas, aqui, em Monkswell

Manor, o campo é bem mais amplo. *(Ele olha a sua volta.)*

SRTA. CASEWELL: Tolices. Por certo seria uma coincidência muito pouco provável que houvesse *duas* pessoas, trazidas aqui pelo acaso, ambas com participação no caso da Fazenda Longridge?

TROTTER: Em determinadas circunstâncias a coincidência não seria tão grande assim. Raciocine, Srta. Casewell. Agora eu quero anotar com muita clareza onde cada um estava quando a Sra. Boyle foi morta. Já tenho a declaração da Sra. Ralston. Estava na cozinha preparando as verduras. Saiu da cozinha, pelo corredor, pela porta de vaivém para o *hall* de entrada e de lá para cá. O rádio estava a todo volume e a sala estava escura. A senhora acendeu a luz, viu a Sra. Boyle e gritou.

MOLLIE: É. Eu gritei e gritei e gritei. E finalmente — veio gente.

TROTTER: Exato. Como disse — muita gente veio de várias direções — e todos chegaram mais ou menos ao mesmo tempo. Muito bem, quando eu saí por aquela janela, para seguir o fio do telefone, *o senhor,* Sr. Ralston, subiu para o quarto que ocupa, com sua mulher, para examinar a extensão do telefone. Onde estava quando a Sra. Ralston gritou?

GILES: Ainda estava no quarto. A extensão também estava muda. Eu olhei pela janela para ver se encontrava algum sinal de que o fio fora cortado, mas não consegui nada. Justamente quando estava tornando a fechar a janela ouvi Mollie gritar e corri aqui para baixo.

TROTTER: Tais ações, muito simples, tomaram-lhe um tempo um tanto longo, não foi, Sr. Ralston?

GILES: Eu acho que não.

TROTTER: Eu diria que o senhor — nitidamente — demorou-se no que fez.

GILES: Eu estava pensando em uma coisa.

TROTTER: Muito bem. E agora, Sr. Wren, diga-nos onde estava.

CHRISTOPHER: Eu fui à cozinha, para ver se podia fazer alguma coisa para ajudar a Sra. Ralston. Eu adoro cozinhar. Depois simplesmente fui para o meu quarto.

TROTTER: *Por quê?*

CHRISTOPHER: Não acha a gente ir para o quarto uma coisa natural? Quero dizer — às vezes a gente *quer* ficar sozinho.

TROTTER: Então o senhor foi para o seu quarto porque queria ficar só?

CHRISTOPHER: Eu queria pentear o cabelo — e — me arrumar.

TROTTER: *(Olhando os cabelos de* WREN.*)* Pentear o cabelo?

CHRISTOPHER: Sei lá. O fato é que era lá que eu estava.

TROTTER: E o senhor ouviu a Sra. Ralston gritar?

CHRISTOPHER: Ouvi.

TROTTER: E desceu?

CHRISTOPHER: Desci.

TROTTER: É estranho que o senhor e o Sr. Ralston não tenham se encontrado na escada. (WREN *e* GILES *se entreolham.)*

CHRISTOPHER: Eu desci pela escada de serviço. Fica mais perto do meu quarto.

TROTTER: O senhor foi para o seu quarto pela escada de serviço ou passou por aqui?

CHRISTOPHER: Eu subi também pela escada de serviço.

TROTTER: Compreendo. Sr. Paravicini?

PARAVICINI: Eu já lhe disse. Eu estava tocando piano na sala de visitas — ali, Inspetor.

TROTTER: Eu não sou lnspetor — apenas Sargento, Sr. Paravicini. Alguém ouviu o senhor tocar piano?

PARAVICINI: Não creio. Eu estava tocando muito baixinho —

assim — com um dedo só.

MOLLIE: O senhor estava tocando os *Três Ratos Cegos.*

TROTTER: *(Incisivo.)* É mesmo?

PARAVICINI: É. É uma melodia muito contagiante. É — como diria — dessas que se agarram à cabeça e não conseguimos esquecer. Não concordam?

MOLLIE: Eu acho que é horrível.

PARAVICINI: Mas, mesmo assim, ela fica na cabeça. Havia alguém assoviando a mesma música.

TROTTER: Assoviando? Onde?

PARAVICINI: Não estou certo. Talvez na entrada — talvez na escada — talvez lá em cima, num dos quartos.

TROTTER: Quem estava assoviando *Três Ratos Cegos? (Não há resposta.)* O senhor está inventando isso, Sr. Paravicini?

PARAVICINI: Absolutamente, Inspetor — desculpe, Sargento. Eu não faria uma coisa dessas.

TROTTER: Muito bem, continue. O senhor estava tocando piano.

PARAVICINI: Com um dedo — assim... E então ouço o rádio — tocando muito alto — a todo volume. Fere meus ouvidos. E depois disso — de repente — eu ouço a Sra. Ralston gritar.

TROTTER: *(Contando nos dedos.)* O Sr. Ralston lá em cima. O Sr. Wren, lá em cima. O Sr. Paravicini na sala de visitas. Srta. Casewell?

SRTA. CASEWELL: Eu estava escrevendo cartas na biblioteca.

TROTTER: E ouviu o que se passou aqui?

SRTA. CASEWELL: Não, não ouvi nada até a Sra. Ralston gritar.

TROTTER: E então o que fez?

SRTA. CASEWELL: Vim para cá.

TROTTER: Imediatamente?

SRTA. CASEWELL: Creio que sim.

TROTTER: Diz que estava escrevendo quando ouviu a Sra. Ralston gritar?

SRTA. CASEWELL: Estava.

TROTTER: E se levantou apressada da escrivaninha para correr para cá?

SRTA. CASEWELL: É.

TROTTER: No entanto parece não haver nenhuma carta inacabada na escrivaninha da biblioteca.

SRTA. CASEWELL: Eu a trouxe comigo. *(Abre a bolsa, tira uma carta que entrega a* TROTTER.)

TROTTER: *(Olhando a carta e devolvendo-a.)* Minha Jessie querida — hum — amiga ou parente?

SRTA. CASEWELL: Isso não é da sua conta.

TROTTER: É possível que não. Sabe, se eu estivesse escrevendo uma carta e ouvisse alguém gritar como uma possessa, não acredito que parasse para pegar minha carta inacabada, dobrá-la e colocá-la dentro de uma bolsa antes de ir ver o que havia acontecido.

SRTA. CASEWELL: Não, mesmo? Que interessante.

TROTTER: E agora, Major Metcalf; e o senhor? Diz que estava no porão. Por quê?

MAJOR METCALF: Espiando. Só espiando. Eu tinha examinado aquele armário que há debaixo da escada perto da cozinha. Uma porção de coisas velhas e equipamento esportivo. E então notei que havia uma outra porta ao fundo, abri e vi uns degraus. Fiquei curioso e desci. Seus porões são muito interessantes.

MOLLIE: Que bom que o senhor gostou.

MAJOR METCALF: Ora essa. Creio que seja a cripta de um antigo mosteiro. É provavelmente por isso que a casa se chama

'Monkswell' — um poço dos monges.

TROTTER: Não estamos fazendo pesquisas arqueológicas, Major. Estamos investigando um assassinato. A Sra. Ralston nos disse que ela ouviu uma porta fechar-se com ligeiro rangido. É possível, sabe, que depois de matar a Sra. Boyle o assassino tenha ouvido a Sra. Ralston vir da cozinha e tenha se enfiado no armário, fechando a porta atrás de si.

MAJOR METCALF: Muitas coisas são possíveis. *(Pausa.)*

CHRISTOPHER: Haveria impressões digitais dentro do armário.

MAJOR METCALF: E as minhas, sem dúvida, estão lá. Mas a maioria dos criminosos toma a precaução de usar luvas, não é?

TROTTER: É o normal. Mas todo criminoso se engana, mais cedo ou mais tarde.

PARAVICINI: Eu me pergunto, Sargento, se isso é realmente verdade.

GILES: Escutem. Não estamos aqui perdendo tempo? Há uma pessoa que...

TROTTER: Por favor, Sr. Ralston. Eu estou encarregado da investigação.

GILES: Ah, está bem; mas... *(Sai pela porta à* EB.*)*

TROTTER: *(Com autoridade.)* Sr. Ralston! (GILES *volta, relutante.)* Obrigado. Temos de determinar a questão da oportunidade, como sabem, tanto quanto a do motivo. E deixem-me dizer-lhes — *todos* os senhores tiveram a oportunidade. *(Protestos. Ele levanta a mão.)* Há duas escadas — qualquer um poderia subir por uma e descer pela outra. Qualquer um poderia ir ao porão pela porta perto da cozinha e voltar pelos degraus que levam a um alçapão ali, perto da escada de lá. *(Aponta para a D.)* O fato vital é que cada um dos senhores esteve *sozinho* no

momento em que foi cometido o crime.

GILES: Mas, olhe aqui, Sargento, o senhor está falando como se todos nós estivéssemos sob suspeita. Isso é absurdo!

TROTTER: Em casos de assassinato, todos são suspeitos!

GILES: Mas o senhor tem uma boa idéia de quem matou aquela mulher na Rua Culver. Pensa que é o mais velho daqueles três meninos da fazenda. Um rapaz mentalmente anormal que teria agora vinte e dois anos. Pois então, que diabo, só há uma pessoa aqui que se enquadra nessa descrição. *(Aponta para* WREN.)

CHRISTOPHER: Não é verdade — não é verdade! Vocês estão todos contra mim. Todo mundo é sempre contra mim. Vão dar um jeito de jogar esse assassinato em cima de mim. Isso é perseguição, é isso que é — perseguição!

MAJOR METCALF: *(Calmo.)* Calma, rapaz, calma. *(Bate no ombro de* WREN, *depois pega seu cachimbo.)*

MOLLIE: *(Para* WREN.*)* Está tudo bem, Chris. Ninguém está contra você. (*A* TROTTER.) Diga a ele que está tudo bem.

TROTTER: *(Para* GILES.) Não costumamos inventar criminosos.

MOLLIE: *(Para* TROTTER.) Diga a ele que não vai prendê-lo.

TROTTER: Eu não vou prender ninguém. Para prender eu preciso de provas. E — por enquanto — eu não tenho provas.

GILES: Mollie, eu acho que você está louca. *(A* TROTTER.*)* E você também. Só há uma pessoa que se enquadra na descrição e eu acho, por medida de segurança, que ele deveria ser preso. É o mais justo para com todos os outros.

MOLLIE: Espere aí, Giles, espere aí. Sargento Trotter, será que eu posso — falar com o senhor um momento?

TROTTER: Mas é claro, Sra. Ralston. Será que os outros poderão ir para a sala de jantar, por favor? *(Todos se levantam e saem*

pela porta à DB: *primeiro a* SRTA. CASEWELL, *depois o* SR. PARAVICINI, *protestando, seguido por* WREN *e* METCALF, *que pára para acender o cachimbo. Ele nota que está sendo observado e sai.)*

GILES: Eu vou ficar.

MOLLIE: Não, Giles; você também, por favor.

GILES: *(Furioso.)* Eu vou ficar. Não sei o que deu em você, Mollie.

MOLLIE: Por favor. (GILES *sai à* DB. *Deixa aporta aberta.* MOLLIE *vai fechá-la.)*

TROTTER: Muito bem, Sra. Ralston, o que é que tem a me dizer?

MOLLIE: Sargento Trotter, o senhor acredita que esse — assassino louco deva ser — o mais velho daqueles três irmãos da fazenda — mas não tem certeza disso, não é verdade?

TROTTER: Nós, na verdade, não sabemos de coisa alguma. Só o que temos até agora é o assassinato da mulher que, junto com o marido, maltratou e negou comida àquelas três crianças; e também o assassinato da magistrada responsável por entregá-las àquele casal. O fio do telefone que me ligaria com a polícia foi cortado...

MOLLIE: Nem disso o senhor tem certeza. Pode ter sido a neve.

TROTTER: Não, Sra. Ralston; o fio foi deliberadamente cortado. Foi cortado a pouca distância da porta principal. Eu já encontrei o lugar.

MOLLIE: *(Abalada.)* Compreendo.

TROTTER: Sente-se, Sra. Ralston.

MOLLIE: Mas, mesmo assim, não sabe...

TROTTER: Estou partindo de probabilidades. Tudo indica um mesmo caminho: instabilidade mental, mentalidade infantil, deserção do Exército e o depoimento do psicólogo militar.

MOLLIE: Ah, eu sei; e por isso tudo parece apontar para

Christopher. Mas eu não acredito que seja Christopher. Tem de haver outras possibilidades.

TROTTER: Tais como?

MOLLIE: Bem — as crianças não tinham nenhum parente?

TROTTER: A mãe era alcoólatra. Morreu pouco depois que as crianças foram tiradas dela.

MOLLIE: E o pai?

TROTTER: Era sargento do Exército, servindo no exterior. Se estiver vivo, a esta altura já deve ter dado baixa.

MOLLIE: E o senhor não sabe onde ele está agora?

TROTTER: Não temos nenhuma informação. Encontrá-lo pode levar muito tempo; mas, garanto-lhe, Sra. Ralston, que a polícia está levando em consideração todas as possibilidades.

MOLLIE: Mas o senhor não sabe onde ele está, neste momento; e se o filho é mentalmente instável, é possível que o pai também seja.

TROTTER: Bem, é possível.

MOLLIE: Se ele chegasse em casa, depois de ter sido aprisionado pelos japoneses e de ter sofrido muito — se chegasse e encontrasse a mulher morta e descobrisse que os filhos haviam passado por uma experiência terrível, e que um deles tinha morrido, ele poderia perder a cabeça durante algum tempo e querer — vingança!

TROTTER: Isso é suposição.

MOLLIE: Mas é possível?

TROTTER: Ah, sim, Sra. Ralston; possível, é.

MOLLIE: De modo que o assassino poderia ser de meia-idade, ou até mesmo velho. *(Pausa.)* Quando eu disse que a polícia havia telefonado, o Major Metcalf ficou terrivelmente transtornado. De verdade. Eu vi o rosto dele como ficou.

TROTTER: *(Pensando.)* O Major Metcalf?

MOLLIE: De meia-idade. Soldado. Ele parece ser uma pessoa ótima e perfeitamente normal — mas essas coisas não são evidentes, são?

TROTTER: Não; muitas vezes não se percebe nada.

MOLLIE: Quer dizer então que não é só o Christopher que é suspeito. Há também o Major.

TROTTER: Alguma outra sugestão?

MOLLIE: Bem, o Sr. Paravicini deixou cair o atiçador quando eu disse que a polícia havia telefonado.

TROTTER: O Sr. Paravicini.

MOLLIE: Eu sei que ele parece muito velho — e estrangeiro, e tudo o mais. Mas ele pode não ser tão velho quanto parece. Seus movimentos são de um homem muito mais jovem e, sem dúvida, ele está maquilado. A Srta. Casewell também notou. Ele poderia estar — ora, eu sei que parece melodramático — mas ele poderia estar disfarçado.

TROTTER: A senhora está muito ansiosa, não está, de que não seja o jovem Sr. Wren?

MOLLIE: Ele parece — sei lá — tão — desamparado. E tão infeliz.

TROTTER: Sra. Ralston, deixe que lhe diga: desde o início que tenho pensado em *todas* as possibilidades. O rapaz, George, o pai — e ainda uma outra pessoa. Lembra-se de que havia uma irmã.

MOLLIE: Ah — a irmã?

TROTTER: Uma mulher poderia ter matado Maureen Lyon. Uma mulher. O cachecol bem levantado, o chapéu bem abaixado — e lembre-se de que o assassino sussurrava. A voz é que trai o sexo. Sim; poderia ter sido uma mulher.

MOLLIE: A Srta. Casewell?

TROTTER: Ela me parece um pouco velha para o papel. *(Abre a porta da biblioteca, espia, torna a fechá-la.)* Sem dúvida, Sra. Ralston, as possibilidades são muitas. Há, por exemplo, a senhora.

MOLLIE: Eu?

TROTTER: Sua idade é mais ou menos a certa. *(Ela vai protestar. Ele a impede.)* Não, não. Seja o que for que me disser a seu respeito, no momento, eu não terei meios de verificar. E há, também, o seu marido.

MOLLIE: Giles? Mas que coisa ridícula!

TROTTER: Ele e Christopher Wren são mais ou menos da mesma idade. É só seu marido parecer mais velho do que é e Wren parece ser mais moço. A idade exata é difícil de se determinar. O que é que a senhora sabe a respeito de seu marido, Sra. Ralston?

MOLLIE: O que é que eu sei a respeito de Giles? Ora, não seja tolo.

TROTTER: Há quanto tempo está casada?

MOLLIE: Há exatamente um ano.

TROTTER: E onde o conheceu?

MOLLIE: Em um baile, em Londres. Estávamos no mesmo grupo.

TROTTER: Conhece a família dele?

MOLLIE: Ele não tem família. Estão todos mortos.

TROTTER: Todos mortos?

MOLLIE: É — mas o senhor está fazendo tudo soar muito diferente. O pai dele era advogado e a mãe morreu quando ele era bebê.

TROTTER: A senhora está apenas me dizendo o que ele *lhe* disse.

MOLLIE: Sim, mas...

TROTTER: A senhora não tem, pessoalmente, conhecimento

desses fatos.

MOLLIE: Mas é um desaforo que...

TROTTER: A senhora ficaria surpresa, Sra. Ralston, se soubesse quantos casos semelhantes ao seu nós recebemos. Principalmente depois que a guerra acabou. Lares desfeitos, famílias mortas. Um sujeito diz que serviu na RAF, ou que estava acabando o treinamento militar. Os pais estão mortos — não há parentes. Hoje em dia não há mais interferência familiar — os jovens resolvem seus próprios assuntos — conhecem-se e casam-se. Eram os pais e parentes que costumavam fazer certas indagações antes de concordar com um noivado. Mas isso tudo acabou. A moça simplesmente agarra o seu homem. Às vezes passam-se um ou dois anos antes que ela descubra que ele é um bancário que deu um desfalque, ou um desertor, ou qualquer outra coisa igualmente inconveniente. Quanto tempo fazia que a senhora conhecia Giles Ralston antes de se casarem?

MOLLIE: Só três semanas, mas...

TROTTER: E não sabe nada a respeito dele?

MOLLIE: Isso não é verdade. Eu sei tudo a respeito dele! Eu sei exatamente que tipo de pessoa ele é. Ele é *Giles*. É inteiramente absurdo sugerir que ele seja um maníaco homicida horroroso. Ora, ele nem sequer estava em Londres, ontem, quando houve o assassinato.

TROTTER: Onde é que ele estava? Aqui?

MOLLIE: Ele foi aí perto, no campo, ver se encontrava tela para o nosso galinheiro com uma gente que estava vendendo umas coisas.

TROTTER: Ele trouxe a tela?

MOLLIE: Não; a que eles tinham não era do tipo que nós

queríamos.

TROTTER: Mas aqui estamos a apenas 30 milhas de Londres, não é? Há um guia ABC por aí. *(Pega o guia e procura.)* É. De trem, uma hora. De carro, um pouquinho mais.

MOLLIE: Mas eu estou dizendo que Giles não estava em Londres.

TROTTER: Um momento, Sra. Ralston. *(Vai ao* hall *de entrada, traz um sobretudo mais ou menos escuro.)* Este é o sobretudo de seu marido?

MOLLIE: *(Desconfiada.)* É.

(TROTTER *tira do bolso um jornal vespertino dobrado.)*

TROTTER: *O Evening News.* De ontem. Estaria nas ruas ontem por volta das três e meia da tarde.

MOLLIE: Eu não acredito!

TROTTER: Não? Não? *(Sai, levando o sobretudo.* MOLLIE *fica sentada, olhando para o jornal. A porta à* DB *abre-se lentamente.* WREN *espia, vê* MOLLIE *sozinha e entra.)*

CHRISTOPHER: Mollie! *(Ela tem um sobressalto e esconde o jornal debaixo da almofada da poltrona ao* C*)*

MOLLIE: Que susto você me deu!

CHRISTOPHER: Onde está ele? Onde é que ele foi?

MOLLIE: Quem?

CHRISTOPHER: O Sargento.

MOLLIE: Ah; ele foi para lá.

CHRISTOPHER: Se ao menos eu pudesse ir embora. De algum modo — de algum jeito. Há algum lugar onde eu pudesse me esconder, nesta casa?

MOLLIE: Esconder?

CHRISTOPHER: É — *dele.*

MOLLIE: Por quê?

CHRISTOPHER: Mas, querida, todos eles estão *tão* contra mim. Vão dizer que fui eu que cometi esses assassinatos — especialmente o seu marido.

MOLLIE: Deixa ele para lá. Escute, Christopher; você não pode continuar — fugindo de tudo — a vida inteira.

CHRISTOPHER: Por que é que você diz isso?

MOLLIE: Bem, é verdade — não é?

CHRISTOPHER: *(Derrotado.)* Claro que é.

MOLLIE: *(Afetuosamente.)* Mais dia menos dia você vai ter de crescer, Chris.

CHRISTOPHER: Mas eu não queria.

MOLLIE: Seu nome não é Christopher Wren, é?

CHRISTOPHER: Não.

MOLLIE: E você, de verdade, não está estudando arquitetura, está?

CHRISTOPHER: Não.

MOLLIE: Então por quê...?

CHRISTOPHER:... me chamei de Christopher Wren? Porque me divertia. No colégio riam de mim e me chamavam de Christopher Robin. De Robin a Wren foi um pulo. Eu odiava o colégio.

MOLLIE: Como é o seu nome verdadeiro?

CHRISTOPHER: Não precisamos falar nisso. Eu fugi enquanto estava servindo o Exército. Era tudo tão nojento — eu odiava tudo. (MOLLIE *tem repentina onda de mal-estar, que WREN percebe.)* Isso mesmo. Sou igualzinho ao assassino desconhecido. Eu disse a você que eu tinha todas as especificações. Sabe a minha mãe — a minha mãe...

MOLLIE: O que é que tem a sua mãe?

CHRISTOPHER: Tudo teria ficado bem se ela não tivesse morrido. Ela teria cuidado de mim — me tratado muito bem...

MOLLIE: Você não pode passar a vida sendo cuidado pelos outros. As coisas acontecem com a gente. É preciso enfrentá-las — você tem de continuar, ir em frente, assim mesmo.

CHRISTOPHER: Ninguém consegue fazer isso.

MOLLIE: Consegue, sim.

CHRISTOPHER: Você está querendo dizer — que você conseguiu?

MOLLIE: Estou.

CHRISTOPHER: O que foi? Uma coisa muito ruim?

MOLLIE: Uma coisa que eu nunca esqueci.

CHRISTOPHER: Tem alguma coisa a ver com Giles?

MOLLIE: Não, foi muito antes de conhecer Giles.

CHRISTOPHER: Você devia ser muito jovem. Quase uma criança.

MOLLIE: Talvez seja por isso que foi — tão horrível. Foi horrível — horrível... Eu tento tirar a lembrança da minha cabeça. Não pensar nisso.

CHRISTOPHER: Então, você também está fugindo. Fugindo das coisas — em vez de enfrentá-las?

MOLLIE: É — de certo modo talvez eu esteja. *(Silêncio.)* Levando em conta que eu nunca o havia visto antes de ontem, parece que nos conhecemos muito bem.

CHRISTOPHER: É. É esquisito, não é?

MOLLIE: Não sei. Acho que há alguma espécie de — sintonia entre nós.

CHRISTOPHER: Bem, mas você acha que eu tenho de enfrentar as coisas.

MOLLIE: Falando francamente, que outra saída existe?

CHRISTOPHER: Eu podia roubar os esquis do Sargento. Eu sei esquiar muito bem.

MOLLIE: O que seria a maior estupidez. Seria praticamente confessar-se culpado.

CHRISTOPHER: O Sargento Trotter pensa que eu sou o culpado.

MOLLIE: Não pensa, não. Pelo menos — eu não sei o que é que ele pensa. *(Ela tira o jornal debaixo da almofada e fica olhando para ele. Repentinamente, compaixão.)* Eu o odeio — odeio — odeio...

CHRISTOPHER: Quem? *(Assustado.)*

MOLLIE: O Sargento Trotter. Ele mete coisas na cabeça da gente. Coisas que não são verdade, que não têm a menor possibilidade de ser verdade.

CHRISTOPHER: Mas que história é essa?

MOLLIE: Eu não acredito — eu não acredito...

CHRISTOPHER: Não acredita em quê? *(Obriga-a a virar-se para ele.)* Vamos — ponha tudo para fora!

MOLLIE: *(Mostrando o jornal.)* Está vendo isto?

CHRISTOPHER: Estou.

MOLLIE: E sabe o que é isso? O jornal da tarde de ontem — um jornal de Londres. E estava no bolso de Giles. Mas Giles não foi a Londres ontem.

CHRISTOPHER: Bem, mas se ele esteve aqui o dia inteiro...

MOLLIE: Mas não esteve. Saiu de carro para procurar uma tela de galinheiro, que não conseguiu encontrar.

CHRISTOPHER: Então está tudo bem. É até possível que ele tenha ido até Londres.

MOLLIE: Então por que é que ele não haveria de me contar que foi? Por que fingiria que andou rodando pelo campo afora?

CHRISTOPHER: É possível que, com a notícia do assassinato...

MOLLIE: Mas ele não sabia do assassinato. Ou será que sabia? Sabia?

CHRISTOPHER: Meu Deus, Mollie. Não vai dizer que você pensa — ou que o Sargento pensa...

MOLLIE: Eu não sei o que o Sargento pensa. Mas ele sabe fazer a gente pensar coisas a respeito dos outros. Você começa a indagar, a duvidar. Começa a sentir que talvez a pessoa que você ama seja — um desconhecido. *(Sussurrando.)* É isso o que acontece em um pesadelo. Você está não sei onde, no meio de amigos e, de repente, olha para eles e eles não são mais seus amigos — são outras pessoas — fingindo. Talvez não se possa confiar em ninguém — talvez todo mundo seja estranho. *(Enterra o rosto nas mãos.)*

(CHRISTOPHER *ajoelha-se no sofá para tirar-lhe as mãos do rosto.* GILES *entra da sala de jantar, à* DB, *pára ao vê-los.* MOLLIE *se afasta* e WREN *senta-se no sofá.)*

GILES: Estou interrompendo?

MOLLIE: Não; nós só estávamos — falando. Eu tenho de ir para a cozinha — ver a torta e as batatas — e preparar — o espinafre.

CHRISTOPHER: Eu vou ajudar.

GILES: Não vai não.

MOLLIE: Giles.

GILES: Os *tête-à-tête* não são muito aconselháveis no momento. Você fique fora da cozinha e longe da minha mulher.

CHRISTOPHER: Mas, fora de brincadeira, olhe aqui...

GILES: *(Furioso.)* Fique longe da minha mulher, Wren. Ela não vai ser a próxima vítima.

CHRISTOPHER: Então é isso que você pensa de mim.

GILES: Eu já tinha dito, não tinha? Há um assassino à solta nesta

casa e, para mim, a descrição encaixa direitinho em você.

CHRISTOPHER: Não é só em mim que ela encaixa.

GILES: Eu não vi nenhum outro candidato.

CHRISTOPHER: Como você é cego — ou será que só finge que é cego?

GILES: Digo-lhe que estou preocupado por causa da minha mulher.

CHRISTOPHER: Eu também. E não vou deixar você aqui sozinho com ela.

GILES: Mas que diabos...?

MOLLIE: Por favor, vá embora, Chris.

CHRISTOPHER: Não vou.

MOLLIE: Por favor, vá, Christopher. Estou falando sério...

CHRISTOPHER: Mas não fico longe. *(Relutante, sai pelo arco à* DA.*)*

GILES: Mas que história é essa? Mollie, você deve estar maluca. Pronta para se trancar na cozinha com um louco homicida.

MOLLIE: Ele não é nada disso.

GILES: Basta olhar para ele para ver que não é certo da cabeça.

MOLLIE: Que nada. Ele só é infeliz. Estou lhe dizendo, Giles, ele não é perigoso. Se fosse, eu sabia. E, além disso, eu sei me cuidar.

GILES: É isso o que a Sra. Boyle dizia!

MOLLIE: Oh, Giles — pare!

GILES: Mas o que há entre você e o desgraçado desse rapaz?

MOLLIE: O que quer dizer — entre nós? Eu só tenho pena dele.

GILES: Vai ver que vocês já se conheciam antes. Vai ver que você sugeriu que ele viesse aqui e que vocês fingissem que estavam se conhecendo agora. Vocês planejaram tudo, não foi?

MOLLIE: Giles, você perdeu a cabeça? Como ousa sugerir uma coisa dessas?

GILES: É meio estranho, não é, ele vir parar em um lugar tão isolado quanto este?

MOLLIE: Nem um pouco mais do que a Srta. Casewell, o Major Metcalf e a Sra. Boyle.

GILES: Uma vez eu li no jornal que esses casos patológicos homicidas tinham certo talento para atrair as mulheres. Deve ser verdade. Onde foi que você o conheceu? Há quanto tempo vocês estão nisso?

MOLLIE: Você está sendo absolutamente ridículo. Eu nunca pus os olhos em Christopher Wren antes de ontem.

GILES: Isso é o que você diz. Vai ver que você tem ido a Londres, às escondidas, para se encontrar com ele.

MOLLIE: Você sabe muito bem que há semanas que eu não vou a Londres.

GILES: Então há semanas que você não vai a Londres, não — é — mesmo?

MOLLIE: Do que é que você está falando? É verdade.

GILES: Ah, é? Então o que é isto? *(Tira a luva de* MOLLIE *do bolso e, dela, retira a passagem de ônibus. Ela se assusta.)* Esta é uma das luvas que você estava usando ontem. Você a deixou cair e eu peguei, hoje de tarde, quando estava conversando com o Sargento. Já viu o que tinha dentro? Uma passagem de ônibus de Londres!

MOLLIE: *(Com ar culpado.)* Ah — isso...

GILES: De modo que parece que você não foi só até a aldeia ontem, foi a Londres, também.

MOLLIE: Está bem! Eu fui para...

GILES: Foi enquanto eu estava, para segurança sua, correndo pelo campo afora...

MOLLIE: Enquanto você estava correndo pelo campo afora...

GILES: Vamos logo, confesse. Você foi a Londres.

MOLLIE: Muito bem. Eu fui a Londres. E você também!

GILES: O quê?

MOLLIE: Foi, sim. E trouxe o jornal da tarde. *(Pega o jornal no sofá.)*

GILES: Onde é que você pegou isso?

MOLLIE: Estava no bolso do seu sobretudo.

GILES: Qualquer um poderia tê-lo posto lá.

MOLLIE: Qualquer um? Não! Você foi a Londres.

GILES: Está muito bem. Eu fui a Londres. Mas não para encontrar com mulher nenhuma.

MOLLIE: *(Aterrorizada.)* Não — tem certeza que não?

GILES: O quê? De que é que você está falando?

MOLLIE: Vá embora. Não se aproxime de mim.

GILES: O que foi que aconteceu?

MOLLIE: Não me toque.

GILES: Você foi a Londres ontem para se encontrar com Christopher Wren?

MOLLIE: Não seja idiota. Claro que não.

GILES: Então por que é que foi?

MOLLIE: *(Sonhadora.)* Eu — não vou contar. É possível — que eu tenha esquecido por que fui...

GILES: Mollie, o que foi que deu em você? De repente, você mudou. Eu tenho a impressão de que não conheço mais você.

MOLLIE: É possível que você nunca tenha me conhecido. Há quanto tempo estamos casados? Um ano? Mas você realmente não sabe nada a meu respeito. Nada do que eu fiz ou senti ou sofri antes de você me conhecer.

GILES: Mollie, você está maluca...

MOLLIE: Está bem; sou maluca! Por que não? Talvez seja bom ser

maluca!

GILES: Mas que diabo você está...

PARAVICINI: *(Entrando pelo arco à* DA *e separando-os.)* O que é isso! Espero que não digam coisas que não pensam. E tão fácil começar uma dessas brigas de namorados ...

GILES: Brigas de namorados! Ora, essa é boa!

PARAVICINI: Isso mesmo. Isso mesmo. Eu sei exatamente como se sentem. Passei eu mesmo por tudo isso, quando era jovem. *Jeunesse — jeunesse* — como diz o poeta. Não faz muito tempo que se casaram, aposto?

GILES: Isso não é da sua conta, Sr. Paravicini...

PARAVICINI: Claro que não. Mas só entrei para dizer que o Sargento não consegue encontrar os esquis dele e que eu desconfio que ele está muito aborrecido.

MOLLIE: Christopher!

GILES: O que foi?

PARAVICINI: Ele quer saber se por acaso o senhor os mudou de lugar, Sr. Ralston.

GILES: Não, claro que não.

TROTTER: *(Entrando à* DA, *rubro e irritado.)* Sr. Ralston — Sra. Ralston, por acaso tiraram os meus esquis ali do armário em que os colocamos?

GILES: Mas é claro que não.

TROTTER: Alguém os tirou.

PARAVICINI: O que o levou a ir procurar por eles?

TROTTER: A neve continua altíssima. Preciso de auxílio aqui, de reforços. Ia esquiar até o posto policial em Market Hampton para fazer um relatório da situação.

PARAVICINI: E agora não pode — que coisa, que coisa!... Alguém tomou providências para que o senhor não fosse, mas podia

haver também uma outra razão, não acha?

TROTTER: Ah, é? Qual?

PARAVICINI: Alguém pode estar querendo fugir.

GILES: *(Para* MOLLIE.*)* O que é que você quis dizer agora há pouco, quando disse "Christopher"?

MOLLIE: Nada.

PARAVICINI: Então nosso jovem arquiteto deu no pé, não foi? Muito interessante.

TROTTER: Isso é verdade, Sra. Ralston? (WREN *entra, vindo da escada.)*

MOLLIE: Graças a Deus. Então, você não foi embora.

TROTTER: O senhor tirou meus esquis, Sr. Wren?

CHRISTOPHER: *(Surpreendido.)* Seus esquis, Sargento? Por que havia de tirar?

TROTTER: A Sra. Ralston parece ter pensado... *(Olha para* MOLLIE.)

MOLLIE: O Sr. Wren gosta muito de esquiar. Eu pensei que ele tivesse apanhado os esquis, apenas para — fazer um pouco de exercício.

GILES: Exercício?

TROTTER: Agora ouçam todos. Este assunto é sério. Alguém destruiu minha única oportunidade de comunicação com o mundo exterior. Quero todos aqui — imediatamente.

PARAVICINI: Tenho a impressão de que a Srta. Casewell foi lá para cima.

MOLLIE: Eu vou buscá-la. *(Sai pela escada.)*

PARAVICINI: Eu deixei o Major Metcalf na sala de jantar. *(Abre a porta à* DB. *E olha.)* O Major Metcalf! Não está aqui.

GILES: Eu vou procurá-lo.

(GILES *sai à* DA. MOLLIE *e a* SRTA. CASEWELL *entram pela escada. O* MAJOR *entra, vindo da biblioteca.)*

MAJOR METCALF: Olá, estão me procurando?

TROTTER: Trata-se dos meus esquis.

MAJOR METCALF: Esquis?

PARAVICINI: Sr. Ralston!

(GILES *entra à* DA.)

TROTTER: Algum dos senhores retirou um par de esquis do armário que fica perto da porta da cozinha?

SRTA. CASEWELL: Deus me livre! Para quê?

MAJOR METCALF: Eu — jamais os toquei.

TROTTER: Mesmo assim, desapareceram. *(À* SRTA. CASEWELL.*)* Por que caminho foi para o seu quarto?

SRTA. CASEWELL: Pela escada de serviço.

TROTTER: Então passou pela porta do armário.

SRTA. CASEWELL: Se assim o diz — não tinha a menor idéia de onde estivessem os seus esquis.

TROTTER: *(Para o* MAJOR.) O senhor esteve dentro desse armário de depósito, hoje.

MAJOR METCALF: Claro que estive.

TROTTER: Na hora em que a Sra. Boyle foi morta.

MAJOR METCALF: Na hora em que a Sra. Boyle foi morta eu já havia passado para o porão.

TROTTER: Os esquis estavam lá, quando o senhor passou?

MAJOR METCALF: Não tenho a menor idéia.

TROTTER: Não os viu lá?

MAJOR METCALF: Não me lembro.

TROTTER: O senhor tem de se lembrar se os esquis estavam lá, na hora.

MAJOR METCALF: Não adianta gritar comigo, meu rapaz. Eu não estava pensando na droga dos esquis; estava interessado no porão. A arquitetura deste lugar é muito interessante. Eu abri a outra porta e desci. De modo que não sei dizer se os esquis estavam lá ou não.

TROTTER: Também não seja assim, Major. Isso pode ser exatamente o que estão querendo que nós façamos.

MAJOR METCALF: Ah, sim; nisso nós concordamos. Isto é, se eu estivesse interessado em tirá-los.

TROTTER: A questão é: onde estão eles agora?

MAJOR METCALF: Deve ser possível encontrá-los se todos nós procurarmos. Não se trata exatamente de uma agulha no palheiro. São umas coisas enormes. Que tal começarmos?

TROTTER: Também não é assim, Major. Isso pode ser exatamente o que estão querendo que nós façamos.

MAJOR METCALF: Desculpe, mas não compreendi.

TROTTER: Eu estou, agora, na posição de ter de me colocar no lugar de um cérebro louco porém ardiloso. Tenho de imaginar o que ele quer que nós façamos e o que ele estará planejando como seu próximo golpe. Tenho de tentar ficar um passo adiante dele. Porque, se não ficar, haverá outra morte.

SRTA. CASEWELL: O senhor continua acreditando nisso?

TROTTER: Continuo, Senhorita. Continuo. São três ratos cegos. Dois ratos já estão liquidados — ainda há um rato a ser providenciado. Há seis pessoas aqui me ouvindo. Uma delas é um assassino! *(Pausa. Todos se entreolham pouco à vontade.)* Um é o assassino. Ainda não sei quem é, mas saberei. E outro dos presentes é a vítima em perspectiva desse assassino. É a

essa vítima que me dirijo. A Sra. Boyle me ocultou fatos — e a Sra. Boyle está morta. Você — seja você quem for — está me sonegando informações. Pois não o faça. Porque está correndo perigo. Quem mata duas vezes não hesita em matar uma terceira. No estado em que estão as coisas, eu não sei *quem* precisa de proteção. Como é, vamos, qualquer pessoa aqui que tenha qualquer motivo, por pequeno que seja, para sentir-se culpada por aqueles acontecimentos de há tanto tempo, ficará melhor se contar tudo. *(Pausa.)* Muito bem — não querem. Eu vou pegar o assassino — não tenho dúvidas disso — mas pode ser que seja tarde demais para um dos presentes. E ainda tenho uma coisa mais a dizer. O assassino está se divertindo com isso. Divertindo-se muito... *(Pausa.)* Muito bem — podem ir.

(O MAJOR *sai para a sala de jantar pela porta à* DB. WREN *sai pela escada. A* SRTA. CASEWELL *cruza para a lareira.)*

PARAVICINI: *(Para* MOLLIE.) Por falar em galinhas, prezada senhora, já experimentou fígado de galinha servido em torradas generosamente recobertas de *foie gras,* com uma lasquinha mínima de *bacon* e uma *soupçon* de mostarda fresca? Irei com a senhora à cozinha para vermos o que poderemos inventar juntos. Uma ocupação encantadora. *(Toma o braço de* MOLLIE *e vai para* DA.)

GILES: Eu vou ajudar minha mulher, Paravicini.

(MOLLIE *desvencilha-se de* GILES.)

PARAVICINI: Seu marido teme pela senhora. Muito natural, nas

atuais circunstâncias. Não gosta que fique sozinha comigo. (MOLLIE *desvencilha-se de* PARAVICINI.*)* Ele teme minhas tendências sádicas — não as desonrosas. *(Olhar malicioso.)* Ai, ai, os maridos são sempre tão inconvenientes. *(Beija os dedos dela.) A riverdela...*

MOLLIE: Estou certa de que Giles não pensa...

PARAVICINI: Ele é muito sábio. Não quer correr riscos. Poderei eu provar a ele, ou à senhora, ou ao nosso implacável Sargento, que eu *não sou* um maníaco homicida? É tão difícil provar uma negativa. E suponha, ao invés, que eu realmente seja... *(Cantarola a melodia de* Três Ratos Cegos.)

MOLLIE: Ah,não!

PARAVICINI: Uma melodiazinha tão alegre! Não acha? Ela corta seus rabinhos com o facão da cozinha — plic, plic, plic — é delicioso. O tipo de coisa que criança adora. Crianças são coisinhas muito cruéis. *(Inclina-se para a frente.)* Algumas delas jamais crescem. (MOLLIE *grita de susto.)*

GILES: Pare de assustar minha mulher, imediatamente.

MOLLIE: É bobagem minha. Mas, sabem — eu a encontrei. Seu rosto estava todo roxo. Eu não consigo esquecer...

PARAVICINI: Eu sei. É difícil esquecer as coisas, não é? A senhora não é, realmente, do tipo que se esquece.

MOLLIE: *(Incoerente.)* Eu tenho de ir — a comida — o jantar — preparar o espinafre — e as batatas estão se desmanchando — por favor, Giles.

(GILES *e* MOLLIE *saem pelo arco à* DA. PARAVICINI *encosta-se no lado* E *do arco olhando para os dois, sorrindo. A* SRTA. CASEWELL *está de pé junto à lareira, perdida em pensamentos.)*

TROTTER: *(Para* PARAVICINI.) O que foi que o senhor disse à senhora, para perturbá-la tanto?

PARAVICINI: Eu, Sargento? Ora, uma brincadeira inocente. Eu sempre gostei de fazer piadas.

TROTTER: Existem brincadeiras boas — e outras não tão boas.

PARAVICINI: Ora, o que será que o senhor quer dizer com isso, Sargento?

TROTTER: Eu tenho andado pensando a seu respeito, meu senhor.

PARAVICINI: Verdade?

TROTTER: A respeito desse seu carro e de como será que ele conseguiu encalhar na neve — de maneira tão conveniente.

PARAVICINI: Ora, eu ia visitar uma pessoa amiga.

TROTTER: Nesta vizinhança?

PARAVICINI: Não muito longe daqui.

TROTTER: E poderia dar-me o nome e o endereço dessa pessoa?

PARAVICINI: Fora de brincadeira, Sargento; será que isso importa, agora? Quero dizer, não há qualquer relação entre ela e esta situação, há?

TROTTER: Nós sempre buscamos obter as mais amplas informações. Como disse que era o nome dessa pessoa amiga?

PARAVICINI: Eu não disse.

TROTTER: Não, não disse. E parece que não vai dizer. O que é muito interessante.

PARAVICINI: Ora, poderia haver — tantas razões. Um *amour* — discrição. Esses maridos ciumentos.

TROTTER: A essa altura da vida, não está um pouco velho para andar às voltas com mulheres?

PARAVICINI: Meu caro Sargento, é possível que eu não seja tão

velho quanto pareço.

TROTTER: Era exatamente o que eu estava começando a pensar, meu senhor.

PARAVICINI: O quê?

TROTTER: Que talvez não fosse tão velho quanto — procura parecer. Há muita gente tentando parecer mais moça do que é. Se alguém quer parecer mais velho — bem, a gente começa a se perguntar por quê?

PARAVICINI: Tendo de fazer tantas perguntas a tanta gente, o senhor ainda faz, também, perguntas a si mesmo? Será que não está exagerando?

TROTTER: Talvez obtenha resposta de mim mesmo. Do senhor parece que não consigo muitas.

PARAVICINI: Pois bem, tente de novo — isto é, se é que ainda tem mais perguntas a fazer.

TROTTER: Uma ou duas. De onde estava vindo, ontem à noite?

PARAVICINI: Essa é muito simples — de Londres.

TROTTER: De que endereço em Londres?

PARAVICINI: Eu sempre fico hospedado no Ritz.

TROTTER: O que deve ser agradável. Endereço permanente?

PARAVICINI: Não gosto da permanência.

TROTTER: Qual o seu negócio ou profissão?

PARAVICINI: Jogo na Bolsa.

TROTTER: Corretor?

PARAVICINI: Não, não; o senhor me compreendeu mal.

TROTTER: Divertindo-se com seu joguinho, não está? E muito seguro de si, também. Mas eu não ficaria assim tão seguro. Está metido em um caso de homicídio; não se esqueça disso. O homicídio não é brinquedo nem piada.

PARAVICINI: Nem mesmo este? Meu Deus, como o senhor é sério,

Sargento. Eu sempre achei que os policiais não tinham senso de humor. A inquisição terminou, por enquanto?

TROTTER: Por enquanto, sim.

PARAVICINI: Muito obrigado. Vou procurar seus esquis na sala de visitas. Para o caso de alguém os haver escondido no piano de cauda.

(PARAVICINI *sai à* EB. TROTTER *olha para onde ele saiu, de cenho carregado, vai até a porta e abre-a. A* SRTA. CASEWELL *cruza silenciosamente para a escada à* E. TROTTER *fecha a porta.)*

TROTTER: Um momento, por favor.

SRTA. CASEWELL: Falou comigo?

TROTTER: Falei. Talvez pudesse vir sentar-se.

SRTA. CASEWELL: Bem, o que deseja?

TROTTER: Talvez tenha ouvido algumas das perguntas que fiz ao Sr. Paravicini?

SRTA. CASEWELL: Ouvi.

TROTTER: Gostaria de algumas informações suas.

SRTA. CASEWELL: O que deseja saber?

TROTTER: Nome completo, por favor.

SRTA. CASEWELL: Leslie Margaret *(Pausa.)* Katherine Casewell.

TROTTER: *(Com ligeira sugestão de algo novo.)* Katherine…

SRTA. CASEWELL: Escrito com K.

TROTTER: Certo. Endereço?

SRTA. CASEWELL: Villa Mariposa, Pine d'or, Majorca.

TROTTER: Isso é na Itália?

SRTA. CASEWELL: É uma ilha — uma ilha espanhola.

TROTTER: Sei. E seu endereço na Inglaterra?

SRTA. CASEWELL: Aos cuidados do Banco Morgan, Rua Leadenhall.

TROTTER: Nenhum outro endereço inglês?

SRTA. CASEWELL: Não.

TROTTER: Há quanto tempo está na Inglaterra?

SRTA. CASEWELL: Uma semana.

TROTTER: E desde que chegou, onde ficou?

SRTA. CASEWELL: No Hotel Ledbury, Knightsbridge.

TROTTER: O que a trouxe a Monkswell Manor, Senhorita?

SRTA. CASEWELL: Estava procurando um lugar sossegado — no campo.

TROTTER: E quanto tempo planejava — ou planeja — permanecer aqui? *(Ele começa a enrolar um cacho de cabelo com a mão direita.)*

SRTA. CASEWELL: Até terminar o que vim fazer aqui. *(Nota o gesto dele. O policial levanta a cabeça, impressionado com a força das palavras da moça.)*

TROTTER: Que é... *(Pausa.)* Que é quê? *(Pára de enrolar o cabelo.)*

SRTA. CASEWELL: *(Cenho franzido, perplexa.)* Hum?

TROTTER: O que foi que veio fazer aqui?

SRTA. CASEWELL: Perdão. Estava pensando em outra coisa.

TROTTER: Não respondeu à minha pergunta.

SRTA. CASEWELL: E não vejo, realmente, por que haveria de responder. É um assunto que só diz respeito a mim. Assunto estritamente particular.

TROTTER: Mesmo assim, Srta. Casewell...

SRTA. CASEWELL: Não. Não vamos discutir sobre isso.

TROTTER: A Senhorita se importaria de me dizer sua idade?

SRTA. CASEWELL: De modo algum. Está no meu passaporte. Vinte e quatro anos.

TROTTER: Vinte e quatro?

SRTA. CASEWELL: Estava pensando que fosse mais velha? Eu pareço mais velha.

TROTTER: Há alguém neste país que possa — testemunhar a seu respeito?

SRTA. CASEWELL: Meu banco pode assegurá-lo quanto à minha posição financeira. Posso também dar-lhe o nome de um advogado — um cavalheiro muito criterioso. Não estou em condições de dar-lhe qualquer referência social. Tenho vivido quase que toda a minha vida no estrangeiro.

TROTTER: Em Majorca?

SRTA. CASEWELL: Em Majorca — e em outros lugares.

TROTTER: A Senhorita nasceu no estrangeiro?

SRTA. CASEWELL: Não; eu deixei a Inglaterra aos treze anos.

(Há uma pausa na qual se percebe nítida sensação de tensão.)

TROTTER: Sabe, Srta. Casewell, não consigo situá-la bem.

SRTA. CASEWELL: E isso tem importância?

TROTTER: Não sei. O que está fazendo aqui?

SRTA. CASEWELL: Isso parece preocupá-lo.

TROTTER: E me preocupa... Foi para o exterior com treze anos?

SRTA. CASEWELL: Doze, treze... por aí.

TROTTER: E seu nome, então, era Casewell?

SRTA. CASEWELL: É o meu nome agora.

TROTTER: Qual era o seu nome então? Vamos — diga-me.

SRTA. CASEWELL: O que é que o senhor está querendo provar? *(Ela perde a calma.)*

TROTTER: Quero saber qual era o seu nome quando deixou a Inglaterra.

SRTA. CASEWELL: Já faz muito tempo. Esqueci.

TROTTER: Há certas coisas que não se esquecem.

SRTA. CASEWELL: É possível.

TROTTER: A infelicidade... o desespero...

SRTA. CASEWELL: Imagino que sim.

TROTTER: Qual é o seu verdadeiro nome?

SRTA. CASEWELL: Já lhe disse — Leslie Margaret Katherine Casewell.

TROTTER: Katherine...? *(Fica de pé junto dela, dominando-a.)* Que diabos você está fazendo aqui?

SRTA. CASEWELL: Eu... oh, meu Deus... *(Levanta-se, dá alguns passos, cai no sofá. Chora, sacudindo-se de um lado para outro.)* Quem dera a Deus que eu nunca tivesse vindo para cá.

(TROTTER, *assustado, cruza para a* D *do sofá.* WREN *entra pela porta* á EB.)

CHRISTOPHER: Sempre pensei que a polícia não podia torturar ninguém.

TROTTER: Eu estive apenas interrogando a Srta. Casewell.

CHRISTOPHER: Pois parece tê-la transtornado. *(Para ela.)* O que foi que ele fez?

SRTA. CASEWELL: Não, não foi nada. É só que — tudo isso — o assassinato — é tão horrível. De repente, tudo isso me pegou. Vou subir para o meu quarto. *(Sai pela escada.)*

TROTTER: *(Seguindo-a com os olhos.)* É impossível... eu não posso acreditar...

CHRISTOPHER: Não pode acreditar em quê? Em seis coisas impossíveis antes do café, como a Rainha Vermelha de *Alice no País das Maravilhas?*

TROTTER: É. É um pouco assim.

CHRISTOPHER: Mas que coisa... o senhor parece que viu um fantasma.

TROTTER: *(Retomando seu comportamento usual.)* Vi alguma coisa que deveria ter visto antes. Estava cego como uma toupeira. Porém creio que agora poderemos chegar a alguma conclusão.

CHRISTOPHER: *(Impertinente.)* A polícia arranjou uma pista!

TROTTER: Sim, Sr. Wren — finalmente, a polícia *tem* uma pista. Quero todos reunidos aqui novamente. Sabe onde estão?

CHRISTOPHER: Giles e Mollie estão na cozinha. Eu estava ajudando o Major Metcalf a procurar seus esquis. Procuramos nos lugares mais divertidos — mas não adiantou nada. Eu não sei onde está Paravicini.

TROTTER: Eu vou buscá-lo. Vá buscar os outros. (WREN *sai à* DA. TROTTER *abre a porta à* DB.) Sr. Paravicini. Sr. Paravicini. Paravicini! (PARAVICINI *entra alegremente da* EB.)

PARAVICINI: Pois não, Sargento? O que posso fazer pelo senhor? O Pequeno Policial perdeu os esquis e não sabe onde encontrá-los. Deixe-os em paz e eles voltarão para casa, arrastando um assassino atrás de si. *(O* MAJOR *entra pelo arco à* DA. GILES e MOLLIE *entram com* WREN *à* DA.)

MAJOR METCALF: Que história é esta?

TROTTER: Sente-se, Major. Sra. Ralston... *(Ninguém se senta.)*

MOLLIE: *É preciso* eu vir agora? Estou muito atrapalhada.

TROTTER: Há coisas mais importantes do que refeições, Sra. Ralston. A Sra. Boyle, por exemplo, não precisará mais de refeições.

MAJOR METCALF: Uma forma muito inábil de apresentar a questão, Sargento.

TROTTER: Lamento muito. Porém desejo cooperação e pretendo

obtê-la. Sr. Ralston, quer pedir à Srta. Casewell que torne a descer? Ela foi para o quarto. Diga-lhe que será por poucos minutos. (GILES *sai pela escada.)*

MOLLIE: Já achou seus esquis, Sargento?

TROTTER: Não, Sra. Ralston; mas devo dizer que tenho uma idéia muito boa de quem os tirou e por quê. Não direi mais nada, por enquanto.

PARAVICINI: Espero que não. Sempre acho que todas as explicações devem ser reservadas para o fim. Aquele último capítulo que nos fascina, sabe?

TROTTER: Isso não é uma brincadeira, meu senhor.

CHRISTOPHER: Não? Pois aí eu acho que o senhor está enganado. Para alguém — *é* uma brincadeira.

PARAVICINI: Acha que o assassino está se divertindo. É possível — é possível.

(GILES *e a* SRTA. CASEWELL, *já completamente recomposta, entram da escada.)*

SRTA. CASEWELL: O que é que está acontecendo?

TROTTER: Sentem-se — Srta. Casewell, Sra. Ralston... *(em tom oficial.)* A sua atenção, por favor? Hão de se lembrar que depois do assassinato da Sra. Boyle eu tomei depoimentos de todos. Neles ficavam determinadas as posições de todos na hora em que o assassinato foi cometido. E são as seguintes: *(consultando seu caderno)* a Sra. Ralston na cozinha, o Sr. Paravicini tocando piano na sala de visitas, o Sr. Ralston em seu quarto, o Sr. Wren no seu e a Srta. Casewell na biblioteca. O Major Metcalf *(pausa, olha para o* MAJOR) no porão.

MAJOR METCALF: Correto.

TROTTER: Essas foram as declarações que fizeram. Não tive meios de verificá-las. Podem ser verdadeiras — ou não. Para ser mais claro, cinco declarações são verdadeiras, porém uma é falsa — qual delas? *(Pausa enquanto olha a todos, um a um.)* Cinco dos senhores estavam dizendo a verdade; alguém estava mentindo. Tenho um plano que talvez ajude a descobrir o mentiroso. E se eu descobrir quem me mentiu — então saberei quem é o criminoso.

SRTA. CASEWELL: Não, necessariamente. Alguém pode ter mentido — por outros motivos.

TROTTER: Eu duvido.

GILES: Mas que idéia é essa? O senhor acabou de dizer que não tinha meios de verificar as declarações.

TROTTER: Não; mas suponhamos que todos tornassem a repetir suas ações.

PARAVICINI: Ah, a surradíssima reconstituição do crime.

GILES: Mas isso é idéia de estrangeiro.

TROTTER: Não teremos uma reconstituição do *crime,* Sr. Paravicini. Uma reconstituição dos movimentos de pessoas aparentemente inocentes.

MAJOR METCALF: E o que espera descobrir com isso?

TROTTER: Hão de me perdoar se não esclarecer esse ponto agora.

GILES: Quer dizer, então, que quer uma espécie de repetição?

TROTTER: Exatamente, Sr. Ralston.

MOLLIE: É uma armadilha.

TROTTER: O que quer dizer com uma armadilha?

MOLLIE: É uma armadilha. Eu sei que é.

TROTTER: Eu só quero que todos façam exatamente o que fizeram antes.

CHRISTOPHER: *(Também desconfiado.)* Mas não percebo — simplesmente não vejo — o que pode sonhar descobrir simplesmente fazendo as pessoas repetirem as mesmas coisas antes. Eu acho uma asneira.

TROTTER: Acha, Sr. Wren?

MOLLIE: Bem, pode me deixar de fora. Estou ocupada demais na cozinha.

TROTTER: Eu não posso deixar ninguém de fora. *(Levanta-se e olha em volta.)* Olhando para os senhores, dá para pensar que *todos* são culpados. Por que tamanha má vontade?

GILES: É claro que o que o senhor disser está dito, Sargento. Todos nós vamos cooperar. Não é, Mollie?

MOLLIE: Vá lá.

GILES: Wren? *(Ele concorda com um aceno de cabeça.)* Srta. Casewell?

SRTA. CASEWELL: Está bem.

GILES: Paravicini?

PARAVICINI: *(Atirando as mãos para cima.)* Está bem. Concordo.

GILES: Metcalf?

MAJOR METCALF: Sim.

GILES: E devemos repetir o que fizemos antes?

TROTTER: Sim, as mesmas ações devem ser executadas.

PARAVICINI: Então devo voltar ao piano na sala de visitas. Novamente com um só dedo devo executar a assinatura musical de nosso assassino. *(Cantarola, fazendo gestos com o dedo.)* Tum - tum - tum - tum - tum...

TROTTER: Um momento, Sr. Paravicini. *(Para* MOLLIE.*)* A senhora toca piano, Sra. Ralston?

MOLLIE: Toco.

TROTTER: E sabe a melodia dos *Três Ratos Cegos?*

MOLLIE: Ora, todo mundo não sabe?

TROTTER: Então poderia tocá-la no piano, com um dedo, como o Sr. Paravicini fez? (MOLLIE *acena com a cabeça.)* Ótimo. Por favor, vá para a sala de visitas, sente-se ao piano, e esteja pronta quando eu der o sinal.

PARAVICINI: Mas, Sargento, eu compreendi que deveríamos repetir tudo o que havíamos feito.

TROTTER: As mesmas ações serão executadas, *porém não necessariamente pela mesma pessoa.* Obrigado, Sra. Ralston. *(Ela sai.)*

GILES: Não percebo a razão para tudo isso.

TROTTER: Mas há uma razão. É um meio de se verificar as declarações originais, e possivelmente *uma* declaração, mais particularmente. Agora, então, todos façam o favor de prestar atenção: designarei as novas posições de cada um. Sr. Wren, tenha a bondade de ir para a cozinha. Dê uma olhada no jantar da Sra. Ralston para ela. Se não me engano, o senhor gosta de cozinhar. (WREN *sai à* DA.) Sr. Paravicini, o senhor irá para o quarto do Sr. Wren. A escada de serviço é o caminho mais conveniente. Major Metcalf, o senhor irá para o quarto do Sr. Ralston e verificará o telefone de lá. Srta. Casewell, se importaria de descer para o porão? O Sr. Wren lhe ensinará o caminho. Infelizmente, preciso de alguém que reproduza minhas próprias ações. Lamento pedir-lhe isso, Sr. Ralston, mas será que poderia sair por aquela janela e verificar o fio do telefone até perto da porta principal? Um trabalho um tanto gélido — mas o senhor é, talvez, a pessoa mais robusta que temos aqui.

MAJOR METCALF: E o senhor, o que vai fazer?

TROTTER: *(Cruzando até o rádio, ligando-o e desligando-o.)* Eu vou

representar o papel da Sra. Boyle.

MAJOR METCALF: Arriscando-se um pouco, não está?

TROTTER: Peço que todos fiquem em seus lugares até me ouvirem chamá-los.

(A SRTA. CASEWELL *sai pela* DA. GILES *sobe até a janela e abre a cortina. O* MAJOR METCALF *sai pela* EA. TROTTER, *com um aceno de cabeça, manda* PARAVICINI sair.)

PARAVICINI: Jogos de salão! *(Sai à* DA.)

GILES: Não se importa se eu usar um sobretudo?

TROTTER: Eu o aconselharia a usá-lo, meu senhor. (GILES *pega seu sobretudo do* hall *de entrada, veste-o e volta à janela.* TROTTER *faz anotações em seu caderno.)* Leve minha lanterna. Está atrás da cortina. (GILES *sai pela janela.* TROTTER *cruza para a porta da biblioteca e sai. Após uma pequena pausa ele torna a entrar, apaga a luz da biblioteca, vai até a janela, fecha-a e cerra a cortina. Vai para perto da lareira e afunda na poltrona grande. Após uma pausa levanta-se e vai para aporta a* EB.*)* Sra. Ralston! Conte até vinte, depois comece a tocar. *(Fecha a porta à* EB,*vai até a escada e olha para fora de cena. Ouve-se* Três Ratos Cegos *sendo tocada no piano. Pausa. Ele apaga as arandelas da parede à* E, *cruza rápido para a mesa do sofá, acende a luz, depois desce para a* E *da porta.)* Sra. Ralston! Sra. Ralston! (MOLLIE *entra pela* EB *e cruza para abaixo do sofá.)*

MOLLIE: O que é? (TROTTER *fecha a porta e se encosta na mesma.)* O senhor está parecendo muito satisfeito. Conseguiu o que queria?

TROTTER: Consegui exatamente o que queria.

MOLLIE: Já sabe quem é o assassino?

TROTTER: Sim, já sei.

MOLLIE: E quem é?

TROTTER: *A senhora* deveria saber, Sra. Ralston.

MOLLIE: Eu?

TROTTER: É. A senhora tem sido extraordinariamente tola, sabe? Correu toda espécie de perigo de ser assassinada me escondendo a verdade. Conseqüentemente, novamente está em grande perigo.

MOLLIE: Não sei do que é que está falando.

TROTTER: *(Cruzando lentamente para o sofá, ainda perfeitamente natural e amável.)* Vamos, vamos, Sra. Ralston. Nós, os policiais, não somos tão estúpidos quanto pensa. Desde o princípio eu sabia que a senhora tinha conhecimento de primeira mão do caso da Fazenda Longridge. Para falar a verdade, a senhora sabe tudo a respeito dele. Por que não disse logo o que sabia?

MOLLIE: *(Muito abalada.)* Eu não compreendo. Eu queria esquecer — esquecer.

TROTTER: Seu nome de solteira era Waring?

MOLLIE: Era.

TROTTER: Senhorita Waring. A Senhorita ensinava — na escola que aquelas crianças freqüentavam.

MOLLIE: Ensinava.

TROTTER: É verdade, não é, que Jimmy, o menino que morreu, conseguiu remeter-lhe uma carta? A carta implorava por ajuda — por uma ajuda de sua jovem bondosa professora. A Senhorita jamais a respondeu.

MOLLIE: Seria impossível. Jamais a recebi.

TROTTER: A Senhorita — pura e simplesmente — não se deu ao

trabalho.

MOLLIE: Isso não é verdade. Eu estava doente. Caí com pneumonia exatamente naquele dia. A carta foi guardada, junto com outras. Passaram-se semanas antes que eu lesse, com todo o resto. E, a essa altura, o pobre menino estava morto... *(fecha os olhos)* morto — morto... Esperando que eu fizesse alguma coisa — esperando — e aos poucos perdendo as esperanças... Isso me atormenta desde então... Se ao menos eu não tivesse ficado doente — se ao menos eu tivesse sabido... É monstruoso que coisas assim possam acontecer.

TROTTER: *(Com voz repentinamente conturbada.)* Sim, é monstruoso. *(Tira um revólver do bolso.)*

MOLLIE: Eu pensei que a polícia não usasse revólver... *(Repentinamente vê o rosto de* TROTTER *e sufoca de horror.)*

TROTTER: A polícia não usa... mas eu não sou da polícia, Sra. Ralston. A senhora achou que eu era um policial porque eu telefonei de um telefone público e disse que estava no distrito e que o Sargento Trotter estava a caminho. Eu cortei os fios do telefone antes de entrar. Sabe quem eu sou, Sra. Ralston? Sou Georgie — o irmão de Jimmy; Georgie.

MOLLIE: Oh. *(Olha à sua volta, desatinada.)*

TROTTER: É melhor não gritar, Sra. Ralston — porque se gritar eu atiro... Eu gostaria de conversar um pouco com a senhora. Eu disse que queria conversar um pouco. Jimmy morreu. *(Seu comportamento torna-se muito simplório e infantil.)* Aquela mulher malvada o matou. E puseram ela na prisão. Mas a prisão não era o bastante para ela. Eu disse que um dia matava ela... E matei, sabe? No meio da neblina. Foi ótimo, sabe? Eu espero que Jimmy saiba. “Eu mato todos eles quando crescer.” Foi isso que eu falei para mim mesmo.

Porque quem é crescido pode fazer tudo o que quiser. *(Alegremente.)* Eu vou matar a senhora daqui a pouco.

MOLLIE: Acho melhor não. *(Tenta de todos os modos ser persuasiva.)* Você não vai conseguir escapar desta vez, sabe?

TROTTER: *(Emburrado.)* Alguém escondeu meus esquis! Eu não consigo encontrar! Mas não faz mal. Para mim dá no mesmo fugir ou não. Eu estou cansado. Foi tão divertido. Só ficar olhando para vocês todos. E fingindo que era da polícia.

MOLLIE: Esse revólver vai fazer muito barulho.

TROTTER: Vai, mesmo. Fica melhor fazer como sempre, apertando o seu pescoço. *(Ele se aproxima dela, lentamente, assoviando* Três Ratos Cegos.) O último ratinho a cair na ratoeira. *(Deixa cair o revólver no sofá e se inclina sobre ela, com a mão esquerda tapando-lhe a boca e a direita agarrando-lhe o pescoço.)*

(A SRTA. CASEWELL *e o* MAJOR *aparecem no arco à* DA.)

SRTA. CASEWELL: Georgie, Georgie. Você me conhece, não é? Não se lembra da fazenda, Georgie? Os bichos, aquele porco enorme de gordo, o dia em que o touro correu atrás de nós no pasto? E os cachorros?

TROTTER: Cachorros?

SRTA. CASEWELL: O malhado e o marrom.

TROTTER: Kathy?

SRTA. CASEWELL: Isso mesmo, Kathy — agora você se lembra, não é?

TROTTER: Kathy, é você. O que é que você veio fazer aqui?

SRTA. CASEWELL: Eu vim à Inglaterra procurar você. Mas eu não o reconheci antes de você torcer o cabelo, como fazia

antigamente. (TROTTER *começa a torcer o cacho de cabelo.)* E; você sempre fazia assim. Georgie, venha comigo. *(Firme.)* Você vai vir comigo.

TROTTER: E para onde é que nós vamos?

SRTA. CASEWELL: *(Como se falasse a uma criança.)* Está tudo bem, Georgie. Eu vou levar você para um lugar onde vão tomar conta de você e não vão deixar você continuar a fazer mal aos outros. *(Ela sai pela escada, levando* TROTTER *pela mão. O* MAJOR *acende as luzes, cruza até a escada, olha para cima.)*

MAJOR METCALF: *(Chamando.)* Ralston! Ralston!

(O MAJOR *sai pela escada,* GILES *entra pelo arco à* DA, *corre para* MOLLIE *no sofá, toma-a em seus braços e pousa o revólver na mesa do sofá.)*

GILES: Mollie, Mollie, você está bem? Querida! Querida!

MOLLIE: Oh, Giles.

GILES: Quem poderia sonhar que fosse Trotter?

MOLLIE: Ele é louco. Completamente louco.

GILES: Eu sei, mas você...

MOLLIE: Eu estava metida naquilo tudo. Era professora na escola. Não foi culpa minha — mas ele pensava que eu poderia ter salvo o menino.

GILES: Você devia ter me contado.

MOLLIE: Mas eu queria esquecer.

MAJOR METCALF: *(Entra da escada.)* Está tudo sob controle. Ele tomou um sedativo e daqui a pouco estará inconsciente. A irmã está tomando conta dele. É claro que o pobre-coitado é inteiramente louco. Desde o princípio que eu estava de olho

nele.

MOLLIE: Estava? O senhor não acreditou que ele fosse da polícia?

MAJOR METCALF: Eu sabia que não era — simplesmente, Sra. Ralston, porque *eu sou* da polícia.

MOLLIE: O senhor?

MAJOR METCALF: No momento em que encontramos aquele caderninho com a anotação "Monkswell Manor" soubemos que era vital ter alguém aqui. Quando consultado, o Major Metcalf concordou em deixar-me vir em seu lugar. Eu não conseguia compreender, quando Trotter apareceu. *(Vê o revólver na mesa e pega-o.)*

MOLLIE: E a Srta. Casewell é irmã dele?

MAJOR METCALF: É. Parece que ela o reconheceu antes deste último golpe dele. Ela não sabia o que fazer mas, felizmente, veio me procurar, no último momento. Bem, a neve já começou a derreter e daqui a pouco devemos ter alguma espécie de socorro. Falar nisso, Sra. Ralston, fui eu quem escondeu os esquis. Eles estão em cima do dossel da cama lá em cima. *(Sai à* DA.)

MOLLIE: E eu pensando que tinha sido Paravicini.

GILES: Eu acho que a polícia vai examinar muito bem aquele carro dele. Eu não ficaria nada surpreendido se encontrassem uns mil relógios suíços dentro do pneu sobressalente. É esse o negócio daquele vigarista. Mollie, eu creio que você pensou...

MOLLIE: Giles, o que é que você foi fazer em Londres, ontem?

GILES: Querida, fui comprar um presente para você. Nós estamos fazendo um ano de casados hoje.

MOLLIE: E foi por isso também que eu fui a Londres ontem, e não queria que você soubesse.

GILES: Não! (MOLLIE *levanta, vai ao armário acima da escrivaninha, tira o embrulho e dá a ele.)*

MOLLIE: São charutos. Espero que sejam bons.

GILES: *(Abrindo o pacote.)* Querida, que idéia maravilhosa. São ótimos.

MOLLIE: Você vai fumá-los?

GILES: *(Heroicamente.)* Vou.

MOLLIE: O que é o meu presente?

GILES: É mesmo, eu esqueci do seu presente. *(Vai correndo até a arca da entrada, tira a caixa de chapéus e volta, muito orgulhoso.) É um* chapéu.

MOLLIE: *(Assustada.)* Um chapéu? Mas eu quase nunca uso.

GILES: É para grandes ocasiões.

MOLLIE: *(Levantando a tampa.)* Que beleza, querido.

GILES: Experimente.

MOLLIE: Mais tarde, quando meu cabelo estiver penteado.

GILES: Ele é bonito, não é? A moça da loja disse que era a última moda.

(MOLLIE põe *o chapéu. O* MAJOR *entra, correndo, vindo da* DA.)

MAJOR METCALF: Sra. Ralston! Sra. Ralston! Está vindo um cheiro horrível de queimado, da cozinha.

MOLLIE: *(Num gemido, correndo, para a cozinha.)* Minha torta! Ai!

(CAI O PANO)

Produzida por Peter Saunders no Ambassadors Theatre, em Londres, a 25 de novembro de 1952, com o seguinte elenco:

(Por ordem de entrada em cena)

MOLLIE RALSTON	*Sheila Sim*
GILES RALSTON	*John Paul*
CHRISTOPHER WREN	*Allan McClelland*
SRA. BOYLE	*Mignon O'Doherty*
MAJOR METCALF	*Aubrey Dexter*
SRTA. CASEWELL	*Jessica Spencer*
SR. PARAVICINI	*Martin Miller*
SARGENTO DETETIVE TROTER	*Richard Attenborough*

Direção de PETER CORTES

Cenografia de ROGER FURSE